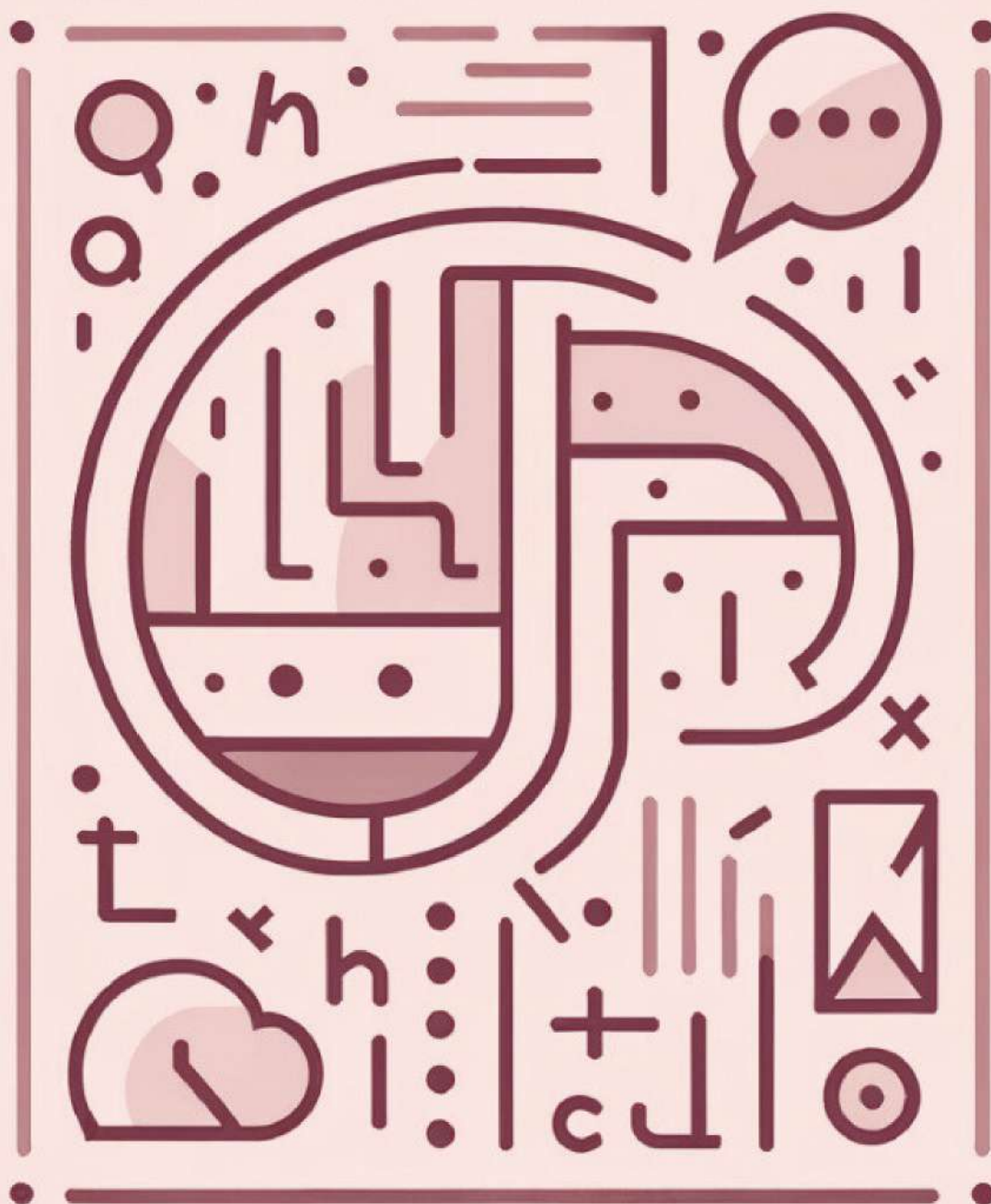


# CADERNO DE *SQUIBS*

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA LINGUAGEM



V. 10 | N. 1 | 2024

# Caderno de *Squibs*

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA LINGUAGEM

V. 10 | N. 1 | 2024

---

## ORGANIZADORES

**Marcus Vinicius da Silva Lunguinho**  
Universidade de Brasília

**Helena da Silva Guerra Vicente**  
Universidade de Brasília

**Paulo Medeiros Junior**  
Universidade de Brasília

**Elisabete Luciana Morais Ferreira**  
Universidade de Brasília

## CONSELHO EDITORIAL

**Helena da Silva Guerra Vicente**  
Universidade de Brasília

**Marcus Vinicius da Silva Lunguinho**  
Universidade de Brasília

**Paulo Medeiros Junior**  
Universidade de Brasília

**Rozana Reigota Naves**  
Universidade de Brasília

**Paula Guedes Baron**  
Universidade de Brasília

**Elisabete Luciana Morais Ferreira**  
Universidade de Brasília

**Bruna Elisa da Costa Moreira**  
Universidade de Brasília

**Cristiany Fernandes da Silva**  
Universidade de Brasília

## APOIO

Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)

Laboratório de Estudos Formais em Sintaxe, Semântica e Pragmática (LabForm/PPGL/UnB)



**UnB**



**conhecimento em movimento**  
**sociedade em transformação**

## CONSELHO CIENTÍFICO

**Aroldo Leal de Andrade**

Universidade Federal de Minas Gerais

**Marina Rosa Ana Augusto**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Indaiá de Santana Bassani**

Universidade Federal de São Paulo

**Simone Lúcia Guesser**

Universidade Federal de Roraima

**Ana Paula Quadros Gomes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Telma Moreira Vianna Magalhães**

Universidade Federal de Alagoas

**José Ferrari Neto**

Universidade Federal da Paraíba

**Roberta Pires de Oliveira**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Gabriel de Avila Othero**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Sandra Quarezemin**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Núbia Saraiva Ferreira Rech**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Marcelo Amorim Sibaldo**

Universidade Federal de Pernambuco

**Claudia Roberta Tavares Silva**

Universidade Federal de Pernambuco

**André Luis Antonelli**

Universidade Estadual de Maringá

**Andrea Knöpfle**

**Fábio Bonfim Duarte**

Universidade Federal de Minas Gerais

**Adeilson Pinheiro Sedrins**

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

Universidade Federal Rural de Pernambuco

**Déborah de Mendonça Oliveira**

Universidade Católica de Brasília

**Lilian Coelho Pires**

Univ. do Estado de Santa Catarina

**Alexandre Costa-Leite**

Universidade de Brasília

**Ana Paula Scher**

Universidade de São Paulo

**Maria Cristina Figueiredo Silva**

Universidade Federal do Paraná

**Keli Cristiane Eugênio Souto**

Univ. Estadual de Montes Claros

**Zenaide Dias Teixeira**

Universidade Estadual de Goiás

**Thiago Costa Chacon**

Universidade de Brasília

**Aveliny Mantovan Lima**

Universidade de Brasília

**Ezekiel J. Panitz**

Universidade de São Paulo

**Leonor Simioni**

Universidade Federal do Pampa

**Patricia de Araujo Rodrigues**

Universidade Federal do Paraná

**Helena da Silva Guerra Vicente**

Universidade de Brasília

**Rerisson Cavalcante de Araújo**

Universidade Federal da Bahia

**Poliana Camargo Rabelo**

**Carlos Felipe da Conceição Pinto**

Universidade Federal da Bahia

**Andrew Nevins**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

University College London

**Marcus Vinicius da Silva Lunguinho**  
Universidade de Brasília

**Alessandro Boechat de Medeiros**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Bruna Elisa da Costa Moreira**  
Universidade de Brasília

**Jairo Morais Nunes**  
Universidade de São Paulo

**Eduardo Kenedy**  
Universidade Federal Fluminense

**Renato Miguel Basso**  
Universidade Federal de São Carlos

**Aquiles Tescari Neto**  
Universidade Estadual de Campinas

**Suzana Fong**  
Massachusetts Institute of Technology

**Jéssica Viana Mendes**  
University of Maryland

**Eneida de Goes Leal**  
Pontifícia Univ. Católica do Rio Grande do Sul

**Lílian Teixeira de Sousa**  
Universidade Federal da Bahia

**Janayna Maria da Rocha Carvalho**  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Karina Gomes Bertolino**  
Universidade de São Paulo

**Lara Frutos González**  
Univ. Estadual do Oeste do Paraná

**Rozana Reigota Naves**  
Universidade de Brasília

**Teresa Cristina Wachowicz**  
Universidade Federal do Paraná

**Virgínia Andrea Garrido Meirelles**  
Universidade de Brasília

**Esmeralda Vailati Negrão**  
Universidade de São Paulo

**Maria Eugenia Lammoglia Duarte**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Maria José Gnatta Dalcuche Foltran**  
Universidade Federal do Paraná

**Roberlei Alves Bertucci**  
Univ. Tecnológica Federal do Paraná

**Marcos Barbosa Carreira**  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Ana Regina Vaz Calindro**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes**  
Universidade Estadual de Campinas

**Luisandro Mendes de Souza**  
Universidade Federal do Paraná

**Paulo Medeiros Junior**  
Universidade de Brasília

## **ARTE DA CAPA**

Fabício de Carvalho Côrtes

*Parcialmente criada com auxílio de IA generativa (OpenAI)*

## **LEITURA**

### **E PREPARAÇÃO DOS MANUSCRITOS**

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Elisabete Luciana Morais Ferreira

Linguística. UnB. Caderno de *Squibs*: temas em estudos formais da linguagem. Programa de Pós-Graduação em Linguística.  
Laboratório de Estudos Formais em Sintaxe, Semântica e Pragmática (LabForm/PPGL/UnB).  
Vol. 10, N.1 (Jun. 2024). Brasília, DF: Universidade de Brasília.  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.  
Semestral. 2015.  
ISSN: 2447-1372 (VERSÃO ON-LINE)  
CDD 410  
CDU 81

## SUMÁRIO

|                     |   |
|---------------------|---|
| <b>Apresentação</b> | 7 |
|---------------------|---|

### *Squib convidado*

---

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| <i>“Vai pensandinho aí”:<br/>por que usar o gerúndio no diminutivo?</i> | 10 |
| Roberlei Alves Bertucci                                                 |    |

|                                                                                                 |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Predicados de gosto pessoal e requisito de experiência:<br>argumentos a favor de uma unificação | 21 |
| Marina Nishimoto Marques                                                                        |    |
| Renato Miguel Basso                                                                             |    |

### *Squibs*

---

|                                                                                                   |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Ordem não canônica no complemento de <i>considerar</i> :<br>apenas um caso de troca de DP pesado? | 33 |
| Douglas Alan da Silva                                                                             |    |

|                                                                                        |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Interpretação ergativa e causativa de orações<br>encaixadas: sujeito nulo ou posposto? | 45 |
| Paloma Petry                                                                           |    |

|                                                                                              |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| A aceitabilidade de sentenças com duplicação <i>vs</i><br>deslocamento à esquerda de sujeito | 55 |
| Karoline Gasque de Souza                                                                     |    |

## Apresentação

Apresentamos à comunidade acadêmica, com muita alegria e orgulho, mais uma edição do **Caderno de *Squibs*: Temas em estudos formais da linguagem**, publicação vinculada ao Laboratório de Estudos Formais em Sintaxe, Semântica e Pragmática (Lab-Form/PPGL/UnB), cujo objetivo é congrega docentes e discentes na tarefa de divulgar conhecimento científico na área da Linguística de vertente formal. Apesar de estar sendo lançado em junho de 2025, trata-se de um número retroativo ao primeiro semestre de 2024 e, para fins de citação, é essa última informação que deve prevalecer.

O presente número compõe-se de cinco trabalhos: dois *squibs* convidados e três *squibs*, nessa ordem.

No primeiro *squib* convidado, **“Vai pensandinho aí”: por que usar o gerúndio no diminutivo?**, Roberlei Alves Bertucci aborda a modificação de grau em formas verbais, um aspecto pouco debatido em português, a partir do estudo das construções gerúndio + diminutivo, isto é, construções em que formas verbais flexionadas no gerúndio são combinadas com o morfema de diminutivo. Tomando como base uma checagem informal de dados com falantes curitibanos, o autor discute quatro propriedades aspectuais dessas construções. A primeira é que, nas construções em estudo, o diminutivo pode se associar a várias perífrases de gerúndio e não apenas a perífrases progressivas. A segunda é que, nesses contextos, o diminutivo não interfere na constituição semântico-pragmática da perífrase. A terceira é que, quando se combina com predicados da classe aspectual das atividades, o papel do diminutivo é o de operar uma atenuação no modo como se realiza a atividade denotada pelo gerúndio. A quarta, e última propriedade discutida, é que as construções gerúndio + diminutivo não disparam implicatura convencional, pois a leitura do diminutivo não se volta para o falante (cf. Potts, 2005; Oliveira; Basso, 2014). O autor conclui seu texto, afirmando que outras questões acerca das construções gerúndio + diminutivo precisam ser estudadas, tais como sua estrutura sintática e a contribuição semântico-pragmática mais específica dessas construções.

No segundo *squib* convidado, **Predicados de gosto pessoal e requisito de experiência: argumentos a favor de uma unificação**, Marina Nishimoto Marques e Renato Miguel Basso também abordam um tópico pouco explorado nas pesquisas sobre o português brasileiro: os predicados de gosto pessoal. Os autores desafiam uma visão tradicional segundo a qual esses predicados são diferentes de outros tipos de predicados (os predicados estéticos, os predicados morais e os predicados epistêmicos) devido ao fato de eles apresentarem um “requisito de experiência” (cf. Pearson, 2013; Bylinina, 2014; Ninan, 2014), isto é, os predicados de gosto pessoal seriam associados a uma inferência de que o falante deve ter tido contato direto com o objeto (ou a entidade ou o referente) que esse predicado caracteriza. Marques e Basso defendem que, no português

brasileiro, esses predicados formam, junto com os predicados estéticos, os predicados morais e os predicados epistêmicos, uma única categoria: os adjetivos subjetivos. Para tanto, eles mostram que esses predicados exibem o mesmo comportamento em quatro contextos sintáticos: a) em posição atributiva; b) encaixados no verbo *achar*, como [AP] na estrutura [*achar* [DP] [AP]]; c) modificados por um PP que introduz um indivíduo que julga a sentença; e d) encaixados em verbos de percepção. A partir disso, os autores concluem que o requisito de experiência, se existir, não tem o papel de distinguir diferentes tipos de predicados de gosto pessoal, o que os leva a tratar tal requisito como não constituindo uma propriedade exclusiva dos predicados de gosto pessoal. Por fim, eles argumentam a favor de uma única classe ampla de predicados de gosto pessoal.

Os três *squibs* que se juntam aos *squibs* convidados e compõem este número são os seguintes.

**Em Ordem não canônica no complemento de *considerar*: apenas um caso de troca de DP pesado?**, Douglas Alan da Silva estuda o complemento sentencial do verbo *considerar* (com leitura judicativa) em português brasileiro, quando esse complemento aparece em sua forma reduzida, especialmente em seu ordenamento não canônico, ou seja, quando o sintagma que denota propriedade precede o que se refere a alguém/algo julgado como portador dessa propriedade. O objetivo do trabalho é avaliar se o fenômeno denominado “troca do DP pesado” (cf. Heycock, 1995; Arimoto, 2005; Huang, 2011) é (o único) responsável pela ordem não canônica do complemento de *considerar*. Após a análise de dados do português brasileiro, o autor conclui que alguns desses dados são resultado do fenômeno “troca do DP pesado”. No entanto, outros dados resistem a uma análise em termos de peso final. Para esses dados, o autor assume que eles podem ter a mesma composição e a mesma leitura funcional que sentenças copulativas inversas: a) em parte desses dados, há inversão (alçamento do predicado) e neles há foco identificacional, associado fixamente ao DP final; e b) em parte desses há uma formação do complemento iniciada por AP que não se enquadra como resultado de inversão e cujo DP final pode não ser determinado como pesado.

**No *squib* Interpretação ergativa e causativa de orações encaixadas: sujeito nulo ou posposto?**, Paloma Petry estuda orações encaixadas como a que aparece entre colchetes em *João disse [que quebrou a janela]*, a qual pode ser, ambigualmente, associada: a) a uma estrutura com ordem V-S e a uma leitura ergativa – intransitiva; ou b) a uma estrutura com sujeito nulo e a uma leitura causativa – transitiva. A autora visa descrever qual das leituras é a preferida pelos falantes do português brasileiro e, para tanto, ela aplica um questionário a falantes do português brasileiro em que sentenças encaixadas são testadas em contextos *out-of-the-blue*. Os resultados mostram que a interpretação causativa é a leitura preferida para essas orações encaixadas ambíguas, corroborando a “restrição de ambiguidade” (cf. Berlinck 1989), segundo a qual “quanto maior a chance do sujeito invertido não ser interpretado como o sujeito gramatical do predicado, menor a chance da ordem VS, e vice-versa” (Menuzzi, 2004, p. 368).

**Em A aceitabilidade de sentenças com duplicação vs deslocamento à esquerda de sujeito**, Karoline Gasque de Souza aplica um teste a alunos dos anos finais da Educação Básica com o objetivo de avaliar a aceitabilidade por parte desses alunos de frases do português brasileiro que apresentam um sintagma nominal seguido de um pronome correferente em posição de sujeito. Essas frases se organizam em duas estruturas: a) uma na qual há pausa entre o SN deslocado e o pronome (estrutura de deslocamento à

esquerda de sujeito); e b) uma na qual há pausa entre o SN e o pronome (estrutura de duplicação / redobro de sujeito). Essas duas estruturas são inseridas em quatro contextos de referencialidade: a) referente com informação velha; b) referente com informação ativada / ancorada; c) referente com informação nova; e d) em contexto de tudo novo. Os resultados alcançados pela autora foram os seguintes. O referente com informação velha é muito mais aceitável em sentenças com deslocamento à esquerda. Quando o referente traz uma informação ativada, ele é aceitável tanto nas sentenças com deslocamento à esquerda como nas sentenças com duplicação de sujeito. Quando o referente veicula informação nova, a aceitabilidade foi muito favorável para as sentenças com duplicação de sujeito. No contexto com SN indefinido (tudo novo), os índices foram maiores de rejeição do que de aceitação nas duas estruturas. A partir desses resultados, a autora conclui que a aceitabilidade das sentenças tem relação com os contextos de referencialidade analisados.

Concluimos esta apresentação registrando os nossos agradecimentos aos autores dos textos selecionados, aos pareceristas que atuaram nesta edição, aos colaboradores do Serviço de Gerenciamento de Informação Digital (GID) da Biblioteca Central (BCE) e a todos aqueles que, de algum modo, estiveram envolvidos no processo de preparação deste número do **Caderno de Squibs**. Gostaríamos de registrar também um agradecimento especial a Roberlei Alves Bertucci, Marina Nishimoto Marques e Renato Miguel Basso, que pronta e gentilmente aceitaram o nosso convite para abrir este número do **Caderno de Squibs**. A contribuição de todos foi fundamental para a publicação de mais esta edição.

Desejamos que todos apreciem a leitura!

Marcus Vinicius Lunguinho

# “Vai pensandinho aí”: por que usar o gerúndio no diminutivo?

“Vai pensandinho aí”:

characteristics of the diminutive gerund in Brazilian Portuguese

Roberlei Alves Bertucci\*

## Resumo

Este trabalho analisa a construção *gerúndio+diminutivo*, em casos como *Está chovendinho*, comuns na região de Curitiba. A intenção é verificar suas características semântico-pragmáticas, propondo uma aproximação com a implicatura convencional. Para isso, analisamos algumas propriedades do gerúndio e do diminutivo, levantando a hipótese de que essa combinação oferece pistas para o entendimento do caso em questão. Nossos dados revelam uma restrição semântica dos casos de *gerúndio+diminutivo* em contextos sem atividades; uma ocorrência dessa construção em diferentes perífrases; e uma impossibilidade de associá-la à implicatura convencional, ao contrário do que imaginávamos. Concluímos, assim, que, apesar do avanço na caracterização do fato, ainda é necessária uma maior investigação sobre a contribuição semântico-pragmática dela em português.

**Palavras-chave:** gerúndio, diminutivo, aspecto verbal, implicatura

## Abstract

This study analyses the structure of the *gerund + diminutive*, as found in expressions like *Está chovendinho* ('It is raining lightly'), which are common in Curitiba, Brazil. The goal is to analyze its semantic-pragmatic characteristics, proposing a comparison with conventional implicature. We analyze certain properties of the gerund and the diminutive, understanding that this combination provides clues for comprehending the case in question. Our data reveal a semantic restriction of *gerund+diminutive* constructions in contexts without activities; the occurrence of this construction in different periphrases; and an impossibility of associating it with conventional implicature. We conclude that, despite progress in characterizing the phenomenon, further investigation is needed into its semantic-pragmatic contribution in Portuguese.

**Keywords:** gerund, diminutive, verbal aspect, implicature

---

\*Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR. E-mail: bertucci@utfpr.edu.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4014-5610>.

## 1 Introdução

Em português brasileiro, formas como o gerúndio e o diminutivo são encontradas em diferentes ambientes, verbais e nominais, respectivamente. Seu papel, descrito por diferentes autores na literatura (Braga; Coriolano, 2009; Oliveira; Basso, 2014; Gonçalves, 2019; Lunguinho; Bertucci, 2013, entre muitos outros), varia amplamente, conforme as interações e situações de ocorrência. Neste trabalho, focamos a construção gerúndio + diminutivo (doravante *ger+dim*), a qual congrega as duas formas simultaneamente, como em (1), algo comum em cidades como Curitiba e Guarapuava (Metz, 2018) e em algumas regiões da América do Sul (Ruiz, 2020).

- (1) a. Olha ali: o casal tá *namorandinho*.
- b. Xiii... vamo falá baixo que o bebê tá *dormindinho*.
- c. Semana passada ficou *chovendinho* o tempo todo.

Apesar de termos poucas informações com relação à produtividade desse fenômeno em outros lugares do Brasil, parece-nos natural levantar intuições para as sentenças acima: elas sugerem algo realizado de forma delicada e lenta, sem uma relação direta com tamanho ou quantidade daquilo que se enuncia. A partir dessa ideia geral, poderíamos levantar a hipótese de que todos os casos de gerúndio poderiam ser modificados pelo sufixo de diminutivo. No entanto, os casos em (2) mostram que essa generalização não parece possível, ao menos para os falantes de Curitiba.

- (2) a. ??Olha ali: o casal tá discutindinho a relação.
- b. ??O juiz tá analisandinho o caso.
- c. ??Semana passada os caras da prefeitura ficaram bloqueandinho a rua.

Num trabalho seminal para o português brasileiro, Metz (2018) entende que essa construção seja típica da região de Guarapuava (PR), ainda que mencione possíveis ocorrências de outros lugares. Para a autora, essa forma ocorre “em qualquer forma do gerúndio” (Metz, 2018, p. 135) e seu papel é diminuir a intensidade ou ritmo do evento. Entretanto, como se vê nos dados em (2), na região de Curitiba, não há tanta liberdade para o uso da referida construção, o que contraria aquilo que a autora sugere em sua pesquisa. Além disso, embora o caso em (1c) corrobore a ideia da autora de que a forma *ger+dim* seja relativa a intensidade e ritmo menores, os demais casos presentes em (1) não têm necessariamente essa leitura.

Já em espanhol, Ruiz (2020) foca um valor emocional da construção. Em sua busca em *corpora*, a autora encontra uma alta frequência da ocorrência de *ger+dim* com predicados de atividades, considerando-se as classes propostas por Vendler (1957). Além disso, ela observa que a forma é restrita aos casos em que a perífrase formada pelo gerúndio tem valor imperfectivo (progressivo, por exemplo).

Tendo em conta esse contexto, questionamos: quais são as características aspectuais da forma *ger+dim* em português? Nesse sentido, o presente trabalho toma essa pergunta como motivadora para se chegar ao objetivo de oferecer uma caracterização geral da forma *ger+dim* em português brasileiro. Para isso, (i) apresentamos alguns pontos sobre possíveis interações entre a forma verbal de gerúndio e a forma nominal de diminutivo; (ii) analisamos a ocorrência dessa forma com diferentes classes aspectuais; e (iii) propomos uma relação com a implicatura convencional (Oliveira; Basso, 2014).

Destacamos que os dados sobre *ger+dim* em análise receberam checagem informal de falantes nascidos em Curitiba, com faixa etária e formação escolar diferentes. A seguir, apresentamos alguns pontos teóricos, os quais, acreditamos, jogarão luz sobre a questão, e analisamos dados para testar as hipóteses levantadas. Com isso, espera-se que este artigo contribua com: (i) melhor entendimento sobre a interação entre formas verbais e nominais nas línguas naturais; (ii) ampliação da discussão sobre o papel das classes aspectuais nas construções verbais; (iii) melhor entendimento de fenômenos específicos do português brasileiro.

## 2 Gerúndio e diminutivo

Nesta seção, vamos analisar as características do gerúndio, em especial a relação com as classes aspectuais, e do diminutivo, com foco na possibilidade de este estar relacionado a uma noção de implicatura.

### 2.1 Gerúndio e classes aspectuais

O sufixo verbal *-ndo* forma o que se chama de *gerúndio* em português, conhecido por ser uma das três formas nominais dos verbos, ao lado do infinitivo e do particípio. Na literatura, o gerúndio é tomado como uma forma que denota continuidade ou duração, atribuindo uma leitura de extensão temporal ao predicado a que se liga (Wachowicz, 2003). Nesse sentido, pode-se dizer que o gerúndio (*-ndo*) toma um predicado verbal (*v-*) como *input* e atribui uma leitura durativa à forma em *output* (*v-ndo*). Tal fato sugere que ele atribui uma propriedade de extensão temporal a um predicado, o que explica a formação de perífrases com gerúndio em línguas como o português brasileiro (Lunguinho; Bertucci, 2013). Sendo uma forma de continuidade, o gerúndio contribui para a noção de duração que a perífrase expressa em sentenças como (3).

- (3) a. O menino está cantando.  
b. A menina vem chegando.  
c. As plantas continuam morrendo.  
d. O Pedro anda praticando yoga.

Nesse sentido, são observados dois pontos importantes para os casos com gerúndio: o apagamento das fronteiras e a relação com as classes aspectuais.

Para o primeiro ponto, podemos dizer que, no gerúndio, não se observam os limites de início e de final de uma eventualidade (Comrie, 1976; Smith, 1997): ao atribuir uma leitura “durativa”, o gerúndio permite que os pontos de início e fim de uma eventualidade sejam ignorados. Em Lunguinho e Bertucci (2013), propõe-se que a função do gerúndio é checar traços de aspectualidade presentes na construção com *estar*. Mais especificamente, indica-se que esse verbo auxiliar seja o responsável pela leitura de um evento em desenvolvimento/progresso e o gerúndio componha a noção de apagamento das fronteiras inicial e final do evento. Em termos aspectuais, o intervalo de tempo que compreende a eventualidade indicada pela forma nominal está incluído em um intervalo de tempo relativo ao momento de tópico (Klein, 1994). Essa inclusão é checada na sintaxe justamente na ocorrência do gerúndio (Lunguinho; Bertucci, 2013).

Com relação ao segundo ponto, as classes aspectuais, devemos dizer que elas já foram amplamente discutidas em diferentes línguas (Vendler, 1957; Smith 1997; Rothstein, 2004; Wachowicz; Foltran, 2006). Por isso, nossa intenção não é reapresentar toda a teoria, mas apontar para os elementos que podem influenciar a análise do gerúndio no diminutivo.

De início, é preciso indicar que, desde Vendler (1957), o progressivo (*estar+gerúndio*, em português) é entendido como um teste para separar situações com estágios daquelas que não os possuem (Rothstein, 2004). Podemos entender estágios como subeventos que compõem uma determinada eventualidade ao longo do tempo: em *valsar*, há passos que formam o ato de valsar; em *cantar*, há a emissão das notas que formam o ato de cantar; em *revisar o artigo*, há uma série de movimentos dos olhos e outros de correção que constituem o ato da revisão ao longo do artigo. Por outro lado, eventualidades como *ser brasileiro* não podem ser divididas em subeventos, porque ela é homogênea com relação ao tempo (Landman; Rothstein, 2012). Já outras, como *chegar*, apenas parecem ter subeventos: os movimentos feitos até a chegada. Mas a verdade é que só se pode tratar de chegada depois que ela de fato acontece. É, portanto, um evento pontual de mudança de estado (*achievements*). Com isso, o período anterior à sua culminação poderia ser chamado de *estágio preparatório*. Vejamos os exemplos:

- (4) a. O casal está valsando. (atividade)  
 b. O João está revisando o artigo. (*accomplishment*)  
 c. #O João está sendo brasileiro. (estado)  
 d. #O menino está chegando. (*achievement*)

Assim, entende-se que o progressivo, ao denotar a continuidade de uma eventualidade, só possa se vincular diretamente a eventualidades com estágios, tais como as atividades (*valsar, cantar* etc.) e os *accomplishments* (*revisar o artigo, ler um livro* etc.). Por outro lado, não é compatível com estativos, como *ser brasileiro*, nem pontuais, como *chegar* — neste último caso, a leitura permitida é de que a chegada está prestes a acontecer, mas não que esteja “no meio”.<sup>1</sup>

Assim, entendemos que o fato de o gerúndio indicar uma extensão temporal do evento denotado pelo predicado torna-se uma explicação para o progressivo não ser compatível com as classes aspectuais que não possuem estágios. De um lado, podemos dizer que essa mesma incompatibilidade pode ser aplicada às diferentes perífrases formadas com gerúndio (Bertucci, 2011; 2015; 2017; 2020; Bertucci; Rothstein, 2019). Por outro lado, cada uma delas expressa uma noção que é linguisticamente diferente. Vejamos alguns exemplos.

- (5) a. *Vai pensando* no que eu te disse. (incrementalidade)  
 b. O João *anda pensando* no que eu disse. (duração)  
 c. O João *continua pensando* no que eu disse. (continuidade)  
 d. O João *ficou pensando* no que eu disse. (estado temporário)

<sup>1</sup>As ocorrências do progressivo com classes como *achievements* (Rothstein, 2004) e com estativos, sobretudo em português brasileiro (Bertucci; Rothstein, 2019), apresentam leituras um tanto quanto diferentes, justamente por não denotarem uma eventualidade que está em progresso, mas, respectivamente, em seu estágio preparatório (*está chegando*), ou em vistas a se tornar algo permanente (*está amando o livro*). Nesses casos, é preciso que haja algum licenciamento gramatical que permita uma leitura progressiva.

As sentenças acima representam a variabilidade de significados que podem estar associados à forma com gerúndio, em português brasileiro. Nossa intenção não é desdobrar cada uma delas, mas focar a interação delas com o diminutivo. O que se vê, então, é que o falante curitibano aceita a presença do diminutivo em todas as construções de gerúndio em (5).

Nesse ponto, podemos lançar algumas hipóteses a serem testadas:

1. *ger+dim* apresenta restrições de ocorrência ou leitura conforme as classes aspectuais do predicado denotado pelo verbo no gerúndio; e
2. outras perífrases que ocorram com gerúndio devem ser compatíveis com o diminutivo, mantendo a base da leitura disparada pela perífrase.

A seguir, tratamos das características gerais do diminutivo e da sua relação com implicaturas. Ao final da próxima seção, apresentamos algumas das hipóteses relativas à interação entre gerúndio e diminutivo.

## 2.2 Diminutivo e pragmática

Apesar de denominado “sufixo de grau”, em português brasileiro, o sufixo *-inho*, pode ser usado com diferentes sentidos, sendo muito comumente associado a atitudes subjetivas do falante (Gonçalves, 2019; Oliveira; Basso, 2014). Além da própria relação de grau diminutivo (*bolinha*), ele pode indicar ênfase (*euzinho*), apreço (*amorzinho*) ou desprezo (*mulherzinha*), entre outros casos, além de compor palavras chamadas de “falsos diminutivos”, como *camisinha* (Rodrigues; Vale, 2023). Ele aparece em diferentes classes de palavras, como advérbios (*cedinho*), pronomes (*meuzinho*) e verbos (*correndinho*), sendo um dos mais frequentes sufixos de grau do português.<sup>2</sup> Para este trabalho, tomamos sobretudo a ideia principal de que o diminutivo é um elemento importante para a expressão do envolvimento emocional do falante em uma determinada situação, apontando afetividade ou ironia, por exemplo (Gonçalves, 2019; Oliveira; Basso, 2014).

Citando Basílio (1990), Gonçalves (2019) afirma que os valores afetivos do diminutivo explicariam, também, a sua variabilidade de ocorrência nas classes de palavras, dada a generalidade possível nesse caso. Isso contraria parte da proposta defendida por Mattoso Câmara Jr. (1970), para quem haveria limitações quanto à ocorrência do diminutivo em português. Nesse sentido, podemos entender como previsível a ocorrência do diminutivo com formas verbais, como o caso do gerúndio, ainda que não pareça ser produtiva em todos os lugares do Brasil. Entendemos que uma explicação para essa forma seja a avaliação do falante frente àquilo que enuncia, já que, de acordo com Gonçalves (2019), a intensificação ou gradação que os sufixos carregam permitem aos falantes exercerem avaliações sobre uma determinada entidade ou situação.

<sup>2</sup>As questões relativas à alternância entre *-inho* e *-zinho* e à formação de diminutivos podem ser encontradas em textos como os de Bisol (2010) e Armelin (2011), entre outros. Costa e Minussi (2019), por sua vez, diferenciam essas formas quanto a uma leitura pejorativa em português.

É essa a perspectiva que Oliveira e Basso (2014) apresentam em seu texto. Numa discussão sobre a possibilidade de o diminutivo ser um item disparador de implicatura convencional em português brasileiro, os autores apresentam fortes indícios de que, em alguns casos, o diminutivo pode ser diretamente associado a esse fenômeno linguístico. A ideia principal é que sentenças como (6), apresentadas por Oliveira e Basso (2014, p. 180), carregam duas proposições: uma principal (a informação em si) e outra secundária (a avaliação do falante sobre o que enuncia).

- (6) a. Aquele reporterzinho da TV errou de novo.
- b. Meu cachorrinho já tem 8 anos e pesa quase 40 quilos.
- c. Termina essa lição rapidinho ou vamos perder o ônibus.

Para os autores, a sentença (6a) apresenta uma informação sobre um novo erro do repórter e, ao mesmo tempo, uma posição negativa do falante em relação ao jornalista. Em (6b), a informação é sobre a descrição do cachorro do falante, o qual apresenta uma avaliação positiva sobre o animal. Finalmente, em (6c), a frase apresenta uma disjunção entre terminar a lição com rapidez e uma possível perda de ônibus, com uma avaliação de urgência (uma intensificação) do falante em relação ao evento.<sup>3</sup>

Do ponto de vista da leitura proposta por Oliveira e Basso (2014), o diminutivo carrega essa carga de subjetividade a tal ponto de, nos casos acima, a avaliação expressa pela frase ser atribuída ao falante (e não ao sujeito da sentença). Um argumento para isso é o teste do *discurso indireto*, essencial para as análises dos casos de implicatura convencional (Bach, 1999; Potts, 2005). Compare os casos em (7), a seguir, com aqueles em (6), já apresentados.

- (7) a. A Maria disse que aquele reporterzinho da TV errou de novo.
- b. A Maria disse que o cachorrinho dela já tem 8 anos e pesa quase 40 quilos.
- c. A Maria disse para você terminar essa lição rapidinho ou vamos perder o ônibus.

Quando inserimos um sujeito para “dizer” e construímos o discurso indireto nos casos em (7), poderíamos prever que as avaliações presentes no diminutivo, em (6), pudessem ser atribuídas a *Maria*, sujeito da oração principal. No entanto, o que se vê em todos os casos em (7) é que a valoração se volta preferencialmente para o falante da sentença.

Considerando as características do diminutivo apresentadas aqui, além das hipóteses já levantadas em relação ao gerúndio, podemos reformular nossas hipóteses:

1. o diminutivo não interfere na contribuição semântico-pragmática da perífrase, atuando apenas na leitura do evento denotado pelo gerúndio;
2. nos casos de predicados compostos por atividade, *ger+dim* incidirá sobre a maneira como essa atividade é realizada, como atenuação da intensidade; e
3. em todos os casos em que ocorre, *ger+dim* está relacionado com a avaliação do falante (implicatura convencional) sobre a situação, conforme proposta de Oliveira e Basso (2014) para alguns casos de diminutivo.

<sup>3</sup>Oliveira e Basso analisam com detalhes as questões relativas a implicaturas apresentam uma série de argumentos para a defesa do diminutivo como uma implicatura convencional, na perspectiva da Potts (2005). Não é intenção deste artigo detalhar esse aspecto e, por isso, recomendamos ao leitor interessado o texto desses autores.

Ao contrário do que propõe Metz (2018), entendemos que a construção *ger+dim* não cria uma subdivisão aspectual em relação ao progressivo e, por isso, não deve ser categorizada como um outro tipo aspectual. Entendemos, sim, que essa construção possui um ingrediente expressivo (pragmático) relevante e que, por isso, merece um aprofundamento linguístico.

### 3 Análise de dados

Agora, podemos testar as hipóteses que levantamos anteriormente, começando pela primeira: o diminutivo não interfere na contribuição semântico-pragmática da perífrase, atuando apenas na leitura do evento denotado pelo gerúndio. Para testá-la, em (8) vamos verificar também a ocorrência de *ger+dim* com diferentes perífrases.

- (8)
- |    |                                                      |                       |
|----|------------------------------------------------------|-----------------------|
| a. | O João está analisandinho os textos.                 | (aspecto progressivo) |
| b. | O João anda namorandinho com uma menina do trabalho. | (duração)             |
| c. | O João ficou estudandinho a tarde toda.              | (estado temporário)   |
| d. | O João continua dormindinho.                         | (continuidade)        |
| e. | Vai pensandinho no que o João te disse.              | (incrementalidade)    |

Nos casos acima, percebe-se que há a possibilidade de *ger+dim* ocorrer com diferentes perífrases do português brasileiro, relacionadas com o gerúndio. Elas podem indicar aspecto progressivo, duração, estado temporário, continuidade e incrementalidade, como mostrado acima. A presença do diminutivo não alterou o significado original da perífrase, mas sugeriu algum tipo de leitura específica do evento denotado pelo gerúndio, exatamente como esperado. Entendemos que isso ocorre porque o diminutivo não interfere na leitura imediata da sentença, e sim, mais diretamente, no modo como o fato é apresentado pelo falante.

A segunda hipótese era que, nos casos de predicados compostos por atividade, *ger+dim* incidiria sobre a maneira como essa atividade é realizada, como atenuação da intensidade. Os dados de (8) também servem para confirmar essa hipótese, uma vez que todos são compostos por atividades. Observamos que o dado em (8a) é um *accomplishment*, o qual é composto por atividade e culminação. Já a atividade que conta em (8c) é a de “estudar”; *ficar* tem a função de indicar o estado temporário (Bertucci, 2020). Aqui, observamos que, sendo as atividades aquelas relacionadas à maneira de ocorrência, elas são as mais comuns com a construção *ger+dim*, conforme observam Metz (2018), para o português brasileiro, e Ruiz (2020), para o espanhol. Acrescenta-se, ainda, que os casos com *achievements*, como em (9a), são bastante marginais para os falantes curitibanos, enquanto os casos com estativos que ocorrem no progressivo, como em (9b-c), não são aceitos.

- (9)
- |    |                                         |
|----|-----------------------------------------|
| a. | ??O Pedro tá chegandinho daqui a pouco. |
| b. | *Eu tô amandinho o livro.               |
| c. | *O João tá sendinho gentil.             |

A leitura em (9a), com *achievements*, é bastante marginal e parece funcionar apenas num caso de prolongamento do estágio preparatório ou de um modo carinhoso de se falar da chegada do Pedro. Já os casos com estativos que podem ocorrer no progressivo (*vide* (9b-c)) não são aceitos com o *ger+dim*. Esses fatos sugerem que a orientação que o falante deseja dar para o evento pode sofrer restrições semânticas, mais especificamente, a impossibilidade de atenuar sua realização (caso não seja uma atividade).

Finalmente, a última hipótese que sugerimos foi a de que, em todos os casos em que ocorre, *ger+dim* está relacionado com a avaliação do falante (implicatura convencional) sobre a situação, conforme proposta de Oliveira e Basso (2014) para alguns casos de diminutivo. Para esses casos, vamos fazer um teste simples, com o discurso indireto. Vamos verificar para quem se orienta a leitura de diminutivo da sentença, se para o falante ou para o sujeito da sentença. Se ocorrer o primeiro caso, estaremos mais certos de que se trata de uma implicatura.

- (10) a. A Maria disse que tá chovendinho.  
b. O Pedro disse que o João continua namorandinho com uma menina do trabalho.  
c. O João disse pra você continuar analisandinho os textos.

Nos três casos, os falantes sugerem que a orientação da leitura do diminutivo se volta para o sujeito da sentença: Maria, Pedro e João, respectivamente. Tais fatos revelam que, nesse caso, o diminutivo é uma escolha de quem tem evidências para atenuar a realização da atividade apresentada. No entanto, por não se voltar ao falante, não se pode considerar a construção *ger+dim* como um item de implicatura convencional, tal como se considera na literatura (Potts, 2005; Oliveira; Basso, 2014). Por outro lado, é inegável que *ger+dim* expressa uma visão do sujeito em relação ao fato apresentado, o que pode ser relacionado com a proposta de Bach (1999) sobre itens que disparam uma proposição avaliativa nas línguas. No entanto, essa análise foge do escopo e do espaço de análise do presente trabalho.

Finalmente, um último ponto de análise são os casos em (2), repetidos aqui como (11).

- (11) a. ??Olha ali: o casal tá discutindinho a relação.  
b. ??O juiz tá analisandinho o caso.  
c. ??Semana passada os caras da prefeitura ficaram bloqueandinho a rua.

A partir da análise apresentada, entendemos que, para os falantes de Curitiba, os casos em (2)/(11) são ruins por não permitirem uma noção de atenuação da atividade em questão, já que *discutir*, *analisar um processo* ou *bloquear a rua* não podem ser feitos com a atenuação que *ger+dim* requer. Nesse sentido, explica-se a restrição de ocorrência da construção sob análise, em face das condições apresentadas no ambiente linguístico.

## 4 Considerações finais

Neste trabalho, analisamos a possibilidade de considerar *ger+dim* como uma construção que dispara implicatura convencional em português brasileiro, tal como Oliveira e Basso (2014) apontam para outros casos do uso do diminutivo. No entanto, nossa análise mostrou que a construção não passa no teste crucial para a identificação dessa implicatura: o do discurso indireto. Nesse caso, indicamos que seja possível uma análise do fenômeno a partir da proposta de Bach (1999) para outros termos de avaliação do falante.

Ainda assim, conseguimos indicar neste trabalho que a construção *ger+dim* é típica de atividades por incidir sobre o modo como elas são realizadas: o falante escolhe predicados com atividades para que possa apresentar uma atenuação. Além disso, observamos que a construção pode ocorrer com diferentes perífrases, não sendo restrita ao progressivo.

Entendemos que o presente trabalho joga luz sobre uma questão pouco debatida em português: a possibilidade de modificação de grau em formas verbais. Além disso, contribuímos com a análise do fato, à medida que checamos as restrições semânticas de ocorrência da construção e testamos uma possibilidade de explicação por meio da implicatura convencional. Ainda assim, entendemos que questões como a estrutura sintática e a contribuição semântico-pragmática mais específica de *ger+dim* ainda precisam ser esclarecidas em trabalhos futuros.

## Referências

- ARMELIN, P. R. G. Sobre a interação entre as marcas de diminutivo e aumentativo no português brasileiro. *ReVEL*, edição especial, n. 5, 2011. Disponível em: <[https://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_5\\_sobre\\_a\\_interacao\\_entre\\_as\\_marcas\\_de\\_diminutivo.pdf](https://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_sobre_a_interacao_entre_as_marcas_de_diminutivo.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- BACH, K. The Myth of Conventional Implicature. *Linguistics and Philosophy*, v. 22, p. 327-366, 1999.
- BASÍLIO, M. *Produtividade e função dos processos de formação de palavras no português falado*. Campinas, Unicamp, 1990.
- BERTUCCI, R. A. Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BERTUCCI, R. A. O sentido produzido pelo verbo auxiliar/cópula andar em português brasileiro. *Revista do Gel*, v. 12, n. 1, p. 139-167, 2015.
- BERTUCCI, R. A. Questões semânticas sobre tempo e aspecto em português brasileiro. *Cadernos do IL*, n. 52, p. 65–89, 2017. DOI: 10.22456/2236-6385.67140.
- BERTUCCI, R. A. A aspectualidade estativa de “ficar”: uma análise dos casos com gerúndio e particípio. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 24, n. 51, p. 173-209, 2020. DOI: 10.5752/P.2358-3428.2020v24n51p173-209.

BERTUCCI, R. A.; ROTHSTEIN, S. Stative predicates in the progressive in Brazilian Portuguese. *Diadorim*, v. 21, n. 2, p. 306-329, 2019.

BISOL, L. O diminutivo e suas demandas. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 26, n. 1, p. 58-85, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-44502010000100003>>. Acesso em: 17 abr. 2025.

BRAGA, M. L.; CORIOLANO, J. Construções de gerúndio no português do Brasil. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 51, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1431>>. Acesso em: 17 abr. 2025.

CAMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*, Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, M. N.; MINUSSI, R. D. Morfologia Avaliativa: o estatuto independente de -inh e -zinh no Português Brasileiro, composição e pejoratividade. *Entrepalavras*, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 154-172, ago. 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-21586>>. Acesso em: 17 abr. 2025.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

KLEIN, W. *Time in Language*. London: Routledge, 1994.

LANDMAN, F.; ROTHSTEIN, S. The felicity of aspectual for-phrases – part 1: homogeneity. *Language and Linguistics Compass*, v. 6, n. 2, p. 85-96, 2012.

LUNGUINHO, M. V.; BERTUCCI, R. A. When the progressive and the aspectual classes meet: the case of Brazilian Portuguese. In: MOLSING, K. V.; IBÁÑOS, A. M. T. *Time and TAME in Language*. Cambridge Scholars Publishing: 2013. p. 124-156.

OLIVEIRA, R. P.; BASSO, R. *Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

METZ, M. C. Diminutivo do gerúndio: opções aspectuais da fala do guarapuavano. *CADERNOS de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 127-141, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8649706>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

RUIZ, R. P. Andandito: sobre la construcción gerundio + diminutivo en el español actual. *Normas*, v. 10, n. 1, p. 51-68, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.7203/Normas.v10i1.18270>.

POTTS, C. *The logic of conventional implicatures*. Oxford Linguistics: New York, 2005.

RODRIGUES, R.; ARAÚJO VALE, O. Falsos diminutivos do português brasileiro e seu reconhecimento em um dicionário computacional de livre acesso. *Revista do GELNE*, [S. l.], v. 25, n. 3, p. e32202, 2023. DOI: 10.21680/1517-7874.2023v25n3ID32202.

ROTHSTEIN, S. *Structuring Events*. Oxford: Blackwell, 2004.

SMITH, C. *The parameter of Aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.

VENDLER, Z. Verbs and times. *Philosophical Review*, v. 66, p. 143-160, 1957.

WACHOWICZ, T. C. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. G. D. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 48, p. 211-232, 2006.

#### AUTORIA

Roberlei Alves Bertucci (UTFPR)

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

<https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt/>

#### DADOS DA PUBLICAÇÃO

Seção: *Squib* convidado

Recebido em: 24/4/2025

Aceito em: 2/5/2025

Publicado em: 25/6/2025

#### COMO CITAR

BERTUCCI, Roberlei Alves. Vai *pensandinho* aí: por que usar o gerúndio no diminutivo?

*Caderno de Squibs*: Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 1, p. 10-20, 2024.

#### SOBRE A REVISTA

Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>

Open Access

Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*



# Predicados de gosto pessoal e requisito de experiência: argumentos a favor de uma unificação

Predicates of personal taste and acquaintance requirement:  
arguments for a unified analysis

Marina Nishimoto Marques\*  
Renato Miguel Basso<sup>†</sup>

## Resumo

Este *squib* analisa se predicados de gosto pessoal (PGPs), como *gostoso* e *divertido*, devem ser agrupados com adjetivos estéticos, morais e epistêmicos numa mesma classe de “adjetivos subjetivos” no português brasileiro (PB). O principal obstáculo a essa unificação é o chamado “requisito de experiência”, a inferência de que o falante deve ter tido contato direto com o objeto caracterizado, que é comumente associado a PGPs. A partir de dados do PB em diferentes contextos sintático-semânticos, argumentamos que essa inferência depende mais da estrutura linguística do que do adjetivo em si. Mostramos que PGPs e demais adjetivos subjetivos apresentam comportamentos sintático-semânticos semelhantes no PB, o que sustenta sua unificação em uma única classe. Ao propor uma análise mais coesa do fenômeno, este estudo contribui para os estudos semânticos sobre subjetividade.

**Palavras-chave:** predicados de gosto pessoal, adjetivos, semântica

## Abstract

This squib examines whether predicates of personal taste (PPTs), such as *gostoso* ('tasty') and *divertido* ('fun'), should be grouped with aesthetic, moral, and epistemic adjectives within a single class of “subjective adjectives”. The main challenge to this unification is the so-called “acquaintance requirement,” the inference that the speaker must have had direct contact with the entity being described, commonly associated with PPTs. Based on data from Brazilian Portuguese (BP) across different syntactic and semantic contexts, we argue that this inference has more to do with linguistic structure than with the adjective itself. We show that PPTs and other subjective adjectives display similar syntactic-semantic behavior in BP, supporting their inclusion in a unified category. This analysis contributes to semantic studies on subjectivity by offering a more integrated account of the phenomenon.

**Keywords:** predicates of personal taste, adjectives, semantics

---

\*Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. E-mail: mnmarques94@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5632-2170>.

<sup>†</sup>Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. E-mail: rmbasso@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2580-0365>.

Os autores agradecem imensamente Elisabete Ferreira pela leitura cuidadosa e por várias sugestões que em muito melhoraram a argumentação e a organização do texto.

## 1 Introdução

Predicados de gosto pessoal (PGPs) são predicados que denotam características que se relacionam, como o próprio nome sugere, ao gosto pessoal de algum indivíduo. Esses itens foram primeiramente analisados de modo sistemático por Lasersohn (2005), que trouxe como exemplos prototípicos dessa categoria os adjetivos do inglês *fun* ('divertido') e *tasty* ('saboroso' ou 'gostoso'). Uma característica definidora dessa classe de predicados é que eles geram *faultless disagreement*, um tipo de desacordo no qual, ainda que um falante negue diretamente o que o outro diz, temos a impressão de que ambos estão proferindo sentenças verdadeiras, como ocorre em (1):

- (1) Ana: A série *The office* é divertida.  
Beatriz: Não, a série *The office* não é divertida.

Vale lembrar que desacordos nos quais um falante nega diretamente o que o outro diz, quando se referem a uma propriedade objetiva, como *federal*, não geram esse fenômeno. No diálogo em (2), por exemplo, não é possível que tanto Ana quanto Beatriz estejam proferindo sentenças verdadeiras — alguma deve estar, necessariamente, equivocada:

- (2) Ana: A UFSCar é federal.  
Beatriz: Não, a UFSCar não é federal.

Além de predicados que falam sobre o gosto pessoal de um indivíduo, outros tipos de adjetivo, que se referem a valores estéticos (como *bonito*), morais (como *ético*) e epistêmicos (como *provável*), por exemplo, também geram esse tipo de desacordo, como podemos ver nos exemplos de (3) a (5), respectivamente:

- (3) Ana: *Guernica* é bonito.  
Beatriz: Não, *Guernica* não é bonito.
- (4) Ana: O rei é ético.  
Beatriz: Não, o rei não é ético.
- (5) Ana: A vitória do Chile é provável.  
Beatriz: Não, a vitória do Chile não é provável.

Tanto predicados de gosto pessoal quanto adjetivos estéticos, morais e epistêmicos geram o *faultless disagreement* porque sua interpretação depende da relativização a um ponto de vista, ou seja, eles são dependentes de perspectiva. Segundo Marques (2024), o comportamento linguístico desses quatro tipos de predicado é similar o suficiente para juntá-los na mesma categoria — a categoria dos “adjetivos subjetivos”.

No entanto, não é consenso na literatura que predicados de gosto pessoal tenham um comportamento semântico similar ao de adjetivos estéticos, morais e epistêmicos. Isso ocorre porque, segundo alguns autores, os PGPs apresentam algo que é chamado na literatura de “requisito de experiência” (Pearson, 2013; Bylinina, 2014; Ninan, 2014; entre outros). O requisito de experiência é a propriedade segundo a qual os PGPs, quando usados para julgar uma determinada entidade, trazem a inferência de que o falante (ou o indivíduo que julga) teve experiência sensorial direta com o objeto (entidade ou referente) que ele caracteriza. Segundo essa caracterização dos PGPs, uma sentença

como (6) só pode ser proferida com felicidade caso o falante tenha tido a experiência (pessoal ou subjetiva) relevante para caracterizar o objeto com o predicado *gostoso* — no caso, que o falante tenha efetivamente comido sushi:

- (6) Sushi é gostoso.

O fato de os PGPs apresentarem o requisito de experiência pode ser um argumento contra uma teoria que unifique o tratamento entre esses itens e outros adjetivos que expressam julgamento a partir de um ponto de vista, como é o caso dos adjetivos estéticos, morais e epistêmicos, já que esses últimos não apresentam esse requisito para serem usados com felicidade. De fato, McNally e Stojanovic (2017) argumentam contra uma unificação das classes dos PGPs e dos adjetivos estéticos, e Stojanovic (2019) argumenta contra uma unificação das classes dos PGPs e dos adjetivos morais, com base justamente no requisito de experiência que, segundo esses trabalhos, é propriedade exclusiva dos PGPs.

Assim, neste *squib*, nosso objetivo é responder às seguintes perguntas: (a) o requisito de experiência existe?; (b) se ele existir, ele é, de fato, uma propriedade exclusiva dos PGPs?; e, por fim, (c) se esse for o caso, isso é suficiente para argumentar contra a postulação da classe dos adjetivos subjetivos? Para responder a essas questões, vamos olhar para o uso dos PGPs (e demais adjetivos subjetivos) nos seguintes ambientes: (i) em posição atributiva (cf. (7a)); (ii) encaixados no verbo *achar*, na posição de [AP] na estrutura [*achar* [DP] [AP]] (cf. (7b)); (iii) modificados por um PP que introduz um indivíduo que julga a sentença (cf. (7c)); e (iv) encaixados em verbos de percepção (cf. (7d)):

- (7) a. Esse pão é/está gostoso.  
b. Eu acho esse pão gostoso.  
c. Esse pão é gostoso para mim.  
d. Esse pão parece gostoso para mim.

Esses ambientes sintático-semânticos permitem controlar e avaliar as dinâmicas e inferências dos PGPs, além de fornecer meios idênticos para uma comparação sistemática entre eles, diante do seguinte raciocínio: se os candidatos a PGPs se comportam do mesmo modo nesses ambientes, e se os PGPs tradicionais (i.e., os de gosto, como *divertido* e *gostoso*) também se comportam desse modo, logo, temos uma evidência de que são todos PGPs. Sendo assim, na sequência deste *squib*, analisaremos diferentes tipos de adjetivos subjetivos nos ambientes de (i)-(iv) comparando seus comportamentos, e nas considerações finais apresentaremos os resultados alcançados.

## 2 *Esse filme é está divertido: uso de adjetivos subjetivos em posição atributiva*

Pearson (2013) e Ninan (2014), entre outros, observam que, no inglês, para proferir uma sentença como (8a), o falante precisa ter tido a experiência sensorial relevante (no caso, ter comido o bolo) para atribuir o predicado de gosto ao objeto caracterizado. Caso o falante não tenha tido essa experiência, seria esperado que ele proferisse algo nas linhas de (8b), usando um modalizador, e não (8a):

- (8) a. This cake is tasty.  
'Esse bolo é/está gostoso.'
- b. This cake must be tasty.  
'Esse bolo deve ser/estar gostoso.'

No entanto, em PB, percebemos que não é necessário que o falante tenha comido o bolo para proferir uma sentença como aquela em (9):

- (9) Esse pão é gostoso.

Na verdade, o falante pode proferir uma sentença contendo um PGP em posição atributiva ainda que tenha evidência indireta para o seu proferimento, como podemos ver nos diálogos em (10) e (11):

- (10) Chico: O pão dessa loja é gostoso.  
Rosinha: Você já comeu?  
Chico: Eu nunca comi, mas o Hiro me disse que é gostoso.
- (11) Magali: Essa bolacha é gostosa, vamos comprar.  
Mônica: Você já comeu?  
Magali: Não, mas olha os ingredientes: chocolate e coco.  
Não tem como não ser gostosa.

No exemplo em (10), Chico afirma que o pão de determinada loja é gostoso mesmo sem ter comido, com base em uma fala reportada de seu amigo. Em (11), Magali afirma que determinada bolacha é gostosa por saber quais ingredientes vão nela, mas sem tê-la experimentado de fato. Em nenhum desses exemplos o falante teve a experiência de consumir o objeto caracterizado, mas isso não o impede de caracterizá-lo com um PGP.

Em relação a isso, Marques (2018) observa que, no português brasileiro, não é o PGP em si que gera a inferência de que o falante teve experiência direta com o objeto caracterizado, mas a estrutura em que ele se encontra. No caso de PGPs que são usados em posição atributiva, por exemplo, há uma diferença na interpretação de sentenças que usam o verbo de cópula *ser* e a interpretação daquelas que usam o verbo de cópula *estar*. Nos exemplos em (10) e (11), vimos que a combinação do PGP com o verbo *ser* não gera, necessariamente, a inferência de que o falante teve experiência com o objeto caracterizado. No entanto, quando combinamos o PGP com o verbo *estar*, a experiência com o objeto caracterizado é necessária para que a sentença seja proferida com felicidade (cf. Silvagni, 2022). Podemos observar isso no contraste entre as sentenças em (12) e (13):

- (12) (Contexto: Magali aponta para um pacote de bolachas fechado)  
Magali: #Essa bolacha está gostosa.
- (13) (Contexto: Magali aponta para um pacote de bolachas fechado)  
Magali: Essa bolacha é gostosa.

A sentença é infeliz em (12) porque não é possível que Magali tenha comido uma das bolachas do pacote, já que o pacote está fechado, e isso viola o requisito de experiência da estrutura “*estar* + PGP”. No entanto, em (13), a sentença não só é aceitável como sequer é necessário que Magali tenha comido aquele tipo específico de bolacha antes de proferi-la, pois ela pode fazer essa afirmação com base em informações dadas a ela por terceiros, por exemplo.

Vemos, então, que é possível que o falante negue ter experiência direta com o objeto caracterizado pelo PGP quando ele atribui o PGP ao objeto usando o verbo *ser*, mas não quando ele o faz usando o verbo *estar*. Isso indica que a inferência relacionada ao falante ter tido experiência direta com o objeto não é dada só pelo PGP, mas também pela estrutura em que ele se encontra.

Em suma, o requisito de experiência pode aparecer, sim, no uso dos PGPs em posição atributiva. Entretanto, ele não aparece todas as vezes e parece estar associado não apenas ao adjetivo, mas também ao verbo de cópula com o qual ele está combinado. Essa observação é um argumento contra a separação entre PGPs e outros adjetivos subjetivos baseada unicamente no requisito de experiência, já que esse requisito não aparece sempre que um PGP é utilizado. Da mesma forma, o uso de adjetivos estéticos, morais e epistêmicos na posição atributiva também não gera nenhuma inferência de que o falante teve experiência com aquilo que ele proferiu, como podemos observar nos exemplos (14) a (16):

- (14) Ana: Eu gostaria de ver o quadro *As meninas*, do Velásquez.  
 Beatriz: Ah, esse quadro é bonito.  
 Ana: Você já viu?  
 Beatriz: Não, mas minha prima já viu e disse que é lindo.
- (15) Ana: O João é antiético.  
 Beatriz: Como você sabe?  
 Ana: Ouvi dizer.
- (16) Ana: Eu não apostaria no Chile. A vitória do Chile é improvável.  
 Beatriz: Como você sabe?  
 Ana: Foi o que o João me falou.

Em estruturas como as que vimos acima, (14)-(16), o uso de *estar* como cópula também gera o requisito de experiência. Assim, para proferir uma sentença como *O João está antiético*, o falante deve ter algum tipo de experiência sobre o comportamento do João. Se isso estiver correto, é mais um argumento a favor de que não é apenas o adjetivo que gera tal requerimento, mas sim a estrutura linguística na qual ele aparece.

### 3 *Eu acho esse filme divertido: a estrutura [achar [DP] [AP]]*

Passemos agora a analisar estruturas como a do exemplo (7b), *Eu acho esse pão gostoso*. Trata-se de uma outra estrutura do PB que também gera a inferência de que o falante teve experiência direta com o objeto caracterizado pelo PGP, a estrutura [achar [DP] [AP]], ilustrada novamente em (17):

- (17) Eu acho *O fabuloso destino de Amélie Poulain* divertido.

Marques (2018) observa que essa estrutura gera a inferência de que o falante teve experiência direta com o objeto que ele caracteriza. Para ilustrar esse caso, olhemos para o contraste entre as sentenças em (18):

- (18) a. Eu acho *O fabuloso destino de Amélie Poulain* divertido, #mas nunca vi.  
b. Eu acho que *O fabuloso destino de Amélie Poulain* é divertido, mas nunca vi.

Só é possível que o falante negue ter tido experiência com o filme na sentença (18b), que traz um [CP] encaixado no verbo *achar*. Por outro lado, quando usamos a construção [*achar* [DP] [AP]], como em (18a), não é possível que o falante negue ter visto o filme.

É interessante notar que o contraste entre as interpretações das estruturas [*achar* [CP]] e [*achar* [DP] [AP]] existe com outros adjetivos subjetivos também, como ilustrado nos exemplos de (19) e (20).

- (19) a. Eu acho *O Abaporu* bonito.  
b. Eu acho que *O Abaporu* é bonito.
- (20) a. Eu acho esse professor antiético.  
b. Eu acho que esse professor é antiético.

Em (19), o contraste é bastante parecido com aquele que encontramos em (18). Assim, em (19a), o falante precisa ter visto a pintura para que ele possa proferir a sentença, ou seu proferimento será infeliz, enquanto em (19b), não é necessário que o falante tenha visto o quadro, e ele pode estar fazendo sua asserção com base em informações de terceiros.

Quando consideramos (20), esse contraste também existe e também tem relação com o nível de experiência que o falante tem com o professor. A sentença em (20a) sugere que o falante tenha tido uma experiência mais direta com o professor — tenha tido aulas com ele, ou tenha levado um golpe dele, por exemplo. Enquanto isso, a sentença em (20b) pode ser proferida por um falante que apenas ouviu falar que o professor é antiético, ou por um falante que tenha apenas visto as roupas que o professor usa e julgue que apenas pessoas antiéticas usam roupas daquele tipo, por exemplo. Ainda que seja mais complexo delimitar “experiência” para (20) do que para (19) ou (18), há de fato um contraste entre (20a) e (20b) que pode ser feito levando em conta um contato mais direto com o alvo do julgamento.

As interpretações das sentenças em (19) e (20) sugerem que o contraste entre as estruturas [*achar* [CP]] e [*achar* [DP] [AP]] não se deve ao fato de que esta última estrutura gera o requisito de experiência, enquanto a outra não, mas que esse contraste tem relação com a força da evidência que o falante tem para fazer o seu julgamento. A evidência da qual o falante dispõe é mais forte quando ele usa a estrutura [*achar* [DP] [AP]], e mais fraca quando usa [*achar* [CP]]. Como Gunlogson e Carlson (2016) observam, no caso dos PGP, a evidência mais forte que um falante pode ter na atribuição do predicado ao objeto caracterizado é a experiência sensorial direta com esse objeto e, portanto, ao ouvir (17), inferimos que o falante viu *O fabuloso destino de Amélie Poulain* (e essa inferência pode ser confundida com um requisito de experiência semanticamente gerado). No caso do proferimento de (20a), no entanto, não temos a leitura de que o falante teve

experiência sensorial direta com o professor, mas inferimos, semelhantemente, que o falante tem evidências mais fortes para esse proferimento do que aquelas ele tem quando profere (20b).

Dessa forma, argumentamos que há diferença de comportamento entre o PGP *divertido* e demais adjetivos subjetivos como *bonito* e *antiético* na estrutura [*achar* [DP] [AP]] em relação ao tipo de inferência gerada. Temos, então, mais um argumento contra a separação dos PGPs e dos demais adjetivos subjetivos em classes distintas.

#### 4 *Esse filme é divertido para mim: uso do PP-juiz*

A seguir, vamos olhar para estruturas como a do exemplo (7c), *Esse pão é gostoso para mim*, e como ele pode contribuir para a discussão do requisito de experiência. Segundo Bylinina (2016), em inglês, nem todos os adjetivos subjetivos podem ser combinados com um PP que explicita o juiz da sentença, como podemos ver nos exemplos abaixo (Bylinina, 2016, p. 293):

- (21) a. This book is interesting for/to me.  
'Esse livro é interessante para mim.'
- b. ??Mary is smart for/to me.  
'A Maria é esperta para mim.'

Para Bylinina (2016), os adjetivos que se comportam como *interesting* podem ser combinados com o PP-juiz porque eles atribuem o papel de experienciador ao juiz da sentença, e o indivíduo explicitado pelo PP é justamente esse juiz-experienciador. Eles diferem, então, dos adjetivos como *smart*, que, ainda que seja dependente de perspectiva, não atribui papel de experienciador e, portanto, não gera nenhuma inferência de que o falante deve ter tido experiência direta com o objeto caracterizado (no caso de (21b), experiência direta com a Maria).

Em PB, no entanto, o contraste entre as sentenças em (21) não é tão claro, já que tanto *interessante* quanto *esperta* podem ser combinados com o PP-juiz:

- (22) a. Esse livro é interessante para mim.  
b. A Maria é esperta para mim.

O que os exemplos em (22) mostram é que o PP-juiz, em PB, não gera a inferência de que o indivíduo introduzido por esse PP tenha tido experiência direta com o objeto caracterizado pelo predicado subjetivo, e atua somente como o indivíduo cujo ponto de vista é levado em consideração para o julgamento da sentença (i.e., o juiz). Assim, tanto PGPs quanto adjetivos estéticos, morais e epistêmicos, que são predicados dependentes de perspectiva, também podem ser combinados com o PP-juiz, como podemos ver nos exemplos em (23):

- (23) a. Bolo de chocolate é gostoso para mim. (PGP)  
b. Esse quadro é bonito para mim (adjetivo estético)  
c. Esse professor é antiético para mim. (adjetivo moral)  
d. A vitória do Chile é provável para mim. (adjetivo epistêmico)

Dessa forma, esse PP-juiz pode ser combinado com qualquer predicado que seja dependente de perspectiva. Esse é um teste, portanto, que, embora funcione no inglês, não pode ser adaptado para o PB de maneira direta.

Vale notar, no entanto, que um PP como *para mim* pode ser combinado, também, com adjetivos que não são dependentes de perspectiva, como *alta* em (24):

- (24) Essa cadeira é alta para mim.

No caso de (24), no entanto, não interpretamos o PP como um PP-juiz, mas sim como um PP que indica um propósito — em (24), o que o falante pode querer dizer é que a cadeira é mais alta do que ela deveria ser para que ele pudesse se sentar nela, por exemplo. Poderíamos pensar que alguns dos *para mim* apresentados em (22) e (23) podem ser PPs de propósito, e não PPs-juiz, e por isso eles podem se combinar com adjetivos que, teoricamente, não apresentam o requisito de experiência. Para diferenciar esses dois tipos de PP, vamos observar o contraste entre as sentenças em (25a) e (25b):

- (25) a. Eu acho essa cadeira alta para mim.  
b. ??Eu acho esse bolo gostoso para mim.

As sentenças em (25) combinam a estrutura [*achar* [DP] [AP]] (tendo *eu* como sujeito) com o PP *para mim*. A sentença em (25a) é melhor que aquela em (25b), que soa redundante, algo que não ocorre com a sentença em (25a). Isso ocorre porque o *para mim* em (25a) não pode ser interpretado como um PP-juiz, já que *alta* não é um adjetivo dependente de perspectiva, enquanto o PP *para mim* em (25b) pode ser interpretado como um PP-juiz, já que está associado a um predicado dependente de perspectiva, e, portanto, pode soar redundante, já que a informação do juiz da sentença já foi dada no sujeito de *achar*. Em suma, a ideia, aqui, é que, se o PP *para mim* atuar como um PP-juiz, a sentença ficará redundante (e, portanto, estranha), já que tanto o sujeito da estrutura [*achar* [DP] [AP]] quanto o indivíduo introduzido pela preposição *para* teriam o papel de juiz na sentença.

Assim como ocorre com a sentença (25b), que apresenta o PGP *gostoso*, as sentenças em (26) (que apresentam, respectivamente, um adjetivo estético, um moral e um epistêmico) também têm leituras redundantes:

- (26) a. ??Eu acho esse quadro bonito para mim.  
b. ??Eu acho esse professor antiético para mim.  
c. ??Eu acho essa vitória provável para mim.

Argumentamos que essa leitura redundante ocorre nos exemplos em (26) pelo mesmo motivo que ela ocorre no exemplo (25b): há a informação de quem é o juiz em dois lugares distintos da mesma sentença — no sujeito de *achar* e no PP *para mim*. Assim, mesmo que o PP *para mim* possa ser interpretado como algo que não seja um PP-juiz, os dados em (23) mostram que adjetivos dependentes de perspectiva que não são PGPs, no geral, aceitam o *para mim* como um PP-juiz. O teste de Bylinina (2016), portanto, não funciona para o português brasileiro, que parece aceitar o PP-juiz com qualquer adjetivo dependente de perspectiva.

## 5 *Esse filme parece divertido: inferências relacionadas a adjetivos subjetivos encaixados em verbos de percepção*

Por fim, o exemplo em (7d), *Esse pão parece gostoso para mim*, é uma adaptação de estruturas da língua inglesa analisadas por McNally e Stojanovic (2017, p. 28), exemplificadas abaixo:

- (27) a. The cake looks delicious to me.  
'O bolo parece delicioso para mim.'
- b. The article sounds interesting to me.  
'O artigo parece interessante para mim.'

Para McNally e Stojanovic (2017), as sentenças em (27) geram a inferência de que os seus falantes têm alguma vontade de ou se sentem motivados a “experimentar” os sujeitos dos verbos de percepção *look* e *sound* (ou seja, comer o bolo e ler o artigo, por exemplo). Ainda segundo as autoras, essa vontade ou motivação se dá por conta das características que eles parecem instanciar (respectivamente, ser delicioso e ser interessante). Essas inferências, por sua vez, são geradas exclusivamente caso os adjetivos encaixados nesses verbos de percepção sejam adjetivos que atribuem papel de experienciador. Para ilustrar esse argumento, as autoras contrastam as sentenças em (27) com aquelas em (28) (McNally; Stojanovic, 2017, p. 23):

- (28) a. The cake looks small to me.  
'O bolo parece pequeno para mim.'
- b. The article sounds intelligent to me.  
'O artigo parece inteligente para mim.'

Em (28), temos sentenças que, embora tenham a mesma estrutura daquelas em (27), não geram a inferência de que os seus falantes estão inclinados a experimentar os sujeitos dos verbos de percepção (ou seja, não estão inclinados, respectivamente, a comer o bolo ou a ler o artigo). Isso ocorre porque *small* e *intelligent* não são predicados que apresentem o requisito de experiência, diferentemente dos adjetivos *delicious* e *interesting*.

Em PB, esse contraste também existe, como podemos observar nos exemplos em (29) e (30), nos quais usamos como verbo de percepção *parecer*:

- (29) a. (Contexto: olhando para o bolo na mesa de café da tarde)  
O bolo parece delicioso para mim.
- b. (Contexto: ouvindo falar de um novo artigo lançado esse ano)  
O artigo parece interessante para mim.
- (30) a. (Contexto: olhando para o bolo na mesa de café da tarde)  
O bolo parece pequeno para mim.
- b. (Contexto: ouvindo falar de um novo artigo lançado esse ano)  
O artigo parece inteligente para mim.

Em (29), com os adjetivos subjetivos *delicioso* e *interessante*, existe a interpretação de que o falante tem vontade de, respectivamente, comer o bolo e a ler o artigo; por outro lado, com os adjetivos *pequeno* e *inteligente*, em (30), não temos essa mesma inferência sendo gerada.

A inferência de que o falante tem interesse em “experimentar” o objeto caracterizado pelo adjetivo também é gerada por adjetivos estéticos, como podemos ver pelo exemplo em (31):

(31) Essa praia parece bonita/linda para mim.

Ou seja, em (31), temos a impressão de que o falante tem vontade de ver a praia que ele elogia. No entanto, no caso de adjetivos morais e epistêmicos, é mais difícil entender qual seria a “experimentação” que o falante tem vontade de fazer em relação ao objeto caracterizado. Isso ocorre porque PGPs e adjetivos estéticos são mais facilmente ligados a experimentações sensoriais — *delicioso* caracteriza um objeto com base na sua sensação no paladar, e *bonito* caracteriza um objeto com base na sua sensação na visão, por exemplo. Por outro lado, adjetivos morais e epistêmicos não são associados de forma direta a experimentações sensoriais — o que seria experimentar uma atitude certa, ou uma situação provável?

Para entender se esses adjetivos geram essa inferência gerada em (29) e (31), vamos olhar para os exemplos em (32):

- (32) a. A atitude dele parece certa para mim.  
b. A derrota do Chile parece provável para mim.

Em (32), temos exemplos de um adjetivo moral (*certa*) e de um adjetivo epistêmico (*provável*) encaixados no verbo de percepção *parecer*. Embora não haja como essas sentenças gerarem uma inferência que é diretamente relacionada ao tipo de característica denotada pelo adjetivo, como ocorre com os PGPs e os adjetivos estéticos, podemos extrapolar o conceito do que seria a vontade de experimentar o objeto caracterizado em cada uma dessas sentenças e termos inferências similares àsquelas de (29) e (31). Assim, em (32a), podemos argumentar que o falante tem a tendência de tomar a mesma atitude (i.e., vontade de experienciar a mesma atitude) que ele caracteriza como certa, caso ele tivesse que tomar alguma atitude diante de uma situação análoga. Já em (32b), podemos argumentar que o falante que profere essa sentença em um contexto de jogos de azar, por exemplo, tem interesse em apostar contra o Chile.

Em suma, embora, para McNally e Stojanovic (2017), a inferência de que o falante tem vontade de experimentar o objeto caracterizado pelo adjetivo encaixado em um verbo de percepção separe os PGPs de outros adjetivos dependentes de perspectiva, como os estéticos, em PB, temos que estruturas do tipo ‘x parece y para mim’ (sendo *y* um adjetivo subjetivo) podem gerar inferências de que o falante tem vontade de experienciar *x* de alguma forma, seja *y* um PGP ou um outro adjetivo dependente de perspectiva qualquer. Assim, a presença dessa inferência não parece ser um empecilho para classificar PGPs em uma categoria separada do resto dos adjetivos dependentes de perspectiva.

## 6 Considerações finais

Neste *squib*, apresentamos uma série de evidências baseadas em seu comportamento sintático-semântico de que, no português brasileiro, PGP's tradicionais, como *gostoso* e *divertido*, formam uma mesma classe de adjetivos junto com demais predicados subjetivos, como adjetivos estéticos (*bonito*), morais (*ético*) e epistêmicos (*provável*), na mesma linha que defende Marques (2024) em sua classe de “adjetivos subjetivos”.

Os contra-argumentos para uma tal unificação têm a ver com requisitos de experiência e demais inferências semânticas que supostamente apenas PGP's teriam. No entanto, como nossos exemplos evidenciaram, considerando-se o caso do PB, o comportamento de PGP's e demais predicados subjetivos é semelhante nos mesmos ambientes sintáticos relevantes (sendo o teste com o PP-juiz inconclusivo no PB), e assim é mais interessante considerar que estamos diante de uma mesma classe.

Por fim, podemos retomar as questões que colocamos na introdução: (a) o requisito de experiência existe?; (b) se ele existir, ele é, de fato, uma propriedade exclusiva dos PGP's?; e, por fim, (c) se esse for o caso, isso é suficiente para argumentar contra a postulação da classe dos adjetivos subjetivos? Respondendo a elas, temos que: (a) o requisito de experiência pode até existir, mas ele não desempenha o papel geralmente atribuído a ele para distinguir diferentes tipos de PGP's; (b) logo, defendemos que ele não é uma propriedade exclusiva dos PGP's tradicionalmente considerados, como os de gosto; (c) e, portanto, argumentamos a favor de uma única classe ampla de PGP's. Trata-se de uma contribuição relevante e original para um tema ainda pouco explorado nas pesquisas semânticas sobre o PB.

## Referências

BYLININA, L. *The grammar of standards: Judge-dependence, purpose-relativity, and comparison classes in degree constructions*. Utrecht: Lot, 2014.

BYLININA, L. Judge-dependence in degree constructions. *Journal of Semantics*, v. 34, n. 2, p. 291-331, 2016.

GUNLOGSON, C.; CARLSON, G. Predicates of experience. In: MEIER, C.; VAN WIJNBERGEN-HUITINK, J. (org.). *Subjective meaning: Alternatives to relativism*. Berlim/Boston: De Gruyter Mouton, 2016, p. 169-200.

LASERSOHN, P. Context-dependence, disagreement, and predicates of personal taste. *Linguistics and Philosophy*, n. 28, p. 643-686, 2005.

MARQUES, M. N. *Essa dissertação é divertida: Predicados de gosto pessoal e seus aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, 2018.

MARQUES, M. N. *Gradualidade e dependência de perspectiva nos adjetivos do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2024.

McNALLY, L.; STOJANOVIC, I. Aesthetic adjectives. In: YOUNG, J. (org.). *The semantics of aesthetic judgment*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 17-37.

NINAN, D. Taste predicates and the acquaintance inference. *Proceedings of SALT 24*, p. 290-309, 2014.

PEARSON, H. A judge-free semantics for predicates of personal taste. *Journal of Semantics*, n. 30, p. 103-154, 2013.

SILVAGNI, F. When *estar* is not there: a cross-linguistic analysis of individual/stage-level copular sentences in Romance. *Open Linguistics*, v. 8, n. 1, p. 108-132, 2022.

STOJANOVIC, I. Disagreements about taste vs. disagreements about moral issues. *American Philosophical Quarterly*, n. 56, v. 1, p. 29-42, 2019.

#### AUTORIA

Marina Nishimoto Marques (UFSCar)

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original

Renato Miguel Basso (UFSCar)

Análise Formal; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

<https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt/>

#### DADOS DA PUBLICAÇÃO

Seção: *Squib* convidado

Recebido em: 28/4/2025

Aceito em: 3/5/2025

Publicado em: 25/6/2025

#### COMO CITAR

MARQUES, Marina Nishimoto; BASSO, Renato Miguel. Predicados de gosto pessoal e requisito de experiência: argumentos a favor de uma unificação. **Caderno de Squibs:**

Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 1, p. 21-32, 2024.

#### SOBRE A REVISTA

Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>

Open Access

Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*



# Ordem não canônica no complemento de *considerar*: apenas um caso de troca de DP pesado?

Non-canonical order in the complement of *considerar*:  
just a case of heavy DP shift?

Douglas Alan da Silva\*

## Resumo

O objeto deste *squib* é o complemento do verbo *considerar* no português brasileiro (PB). Interessamo-nos pelo complemento sentencial reduzido (sem verbo) com sintagmas em ordem não canônica, na qual o sintagma que denota propriedade precede o que se refere a alguém/algo julgado como seu portador. Questionamos se essa ordem decorre exclusivamente do fenômeno de troca de sintagma determinante (DP) pesado. Da literatura formal, trouxemos parâmetros para aferir peso e comparamos os comportamentos do inglês e do PB, estabelecendo o alcance interlinguístico de explicações disponíveis. Ademais, os dados do PB foram descritos considerando funções pragmáticas e comparando o complemento em suas versões reduzida e estendida (com verbo). Analisamos 28 dados: 7 do inglês, extraídos da literatura, e 21 do PB, coletados da literatura, das plataformas X e O Pensador ou criados pelo autor. Concluímos que extensão, nós sintáticos e relações complexas ou modificações do núcleo de um sintagma são parâmetros de peso que influenciam o ordenamento não canônico do complemento, mas não o motivam exclusivamente. Argumentamos que certas composições com dois DPs têm explicação alternativa disponível (alçamento do predicado). Contudo, parte das iniciadas com sintagma adjetival e finalizadas com DP não se encaixam também nesta explicação, indicando formações não canônicas variadas.

**Palavras-chave:** verbo judicativo, copulativas, troca de DP pesado, especificacionais, estrutura informacional

## Abstract

The object of this *squib* is the complement of the verb *considerar* ('to consider') in Brazilian Portuguese (BP). We are interested in the reduced sentence complement (without a verb) with phrases in non-canonical order, in which the phrase that denotes a property precedes the one that refers to someone/something judged as its bearer. We question whether this order arises exclusively from the phenomenon of

---

\*Universidade de São Paulo, USP. Doutorando pela USP, *e-mail*: silva\_d.a@usp.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9862-8052>. Agradeço aos avaliadores pelos ajustes sugeridos, à Profa. Dra. Paula Martins de Souza e ao doutorando Rodrigo Aparecido Souza, sobretudo pelas orientações quanto à estrutura e clareza deste texto.

heavy determiner phrase (DP) shift. From the formal literature, we brought parameters to measure weight and compared the behaviors of English and BP, establishing the interlinguistic scope of available explanations. Furthermore, the BP data were described considering pragmatic functions and comparing the complement in its reduced and extended versions (with a verb). We analyzed 28 data: 7 from English, extracted from the literature, and 21 from BP, collected from the literature, from the platforms X and O Pensador or created by the author. We conclude that extension, syntactic nodes and complex relations or modifications of the nucleus of a syntagm are parameters of weight that influence the non-canonical ordering of the complement, but do not motivate it exclusively. We argue that certain compositions with two DPs have an alternative explanation available (raising of the predicate). However, some of the ones that start with an adjectival syntagm and end with a DP do not fit this explanation either, indicating varied non-canonical formations.

**Keywords:** judicative verb, copulatives, heavy DP shift, specificationals, informational structure

## 1 Introdução

Neste *squib*, analisamos sentenças como (1), com o verbo *considerar* judicativo do português brasileiro (PB):

- (1) O povo considera o João o vencedor.

(Pereira, 2005, p. 132, (69a))

Sentenças assim apresentam um ser senciente (o conjunto *o povo*) que julga algo ou alguém (*o João*) como portador de uma propriedade (*o vencedor*) (cf. Gomes; Foltran, 2009). Mais precisamente, o objeto de estudo é o seu complemento em ordem não canônica, em que o constituinte que denota a propriedade precede o que se refere ao portador dela, como em (2):

- (2) O povo considera o vencedor o João.

(Pereira, 2005, p. 132, (69b))

Pelo julgamento de Pereira (2005), Gomes (2007), Oliveira (2013) e Silva (2024b), complementos como (2) são gramaticais no PB. No inglês, sentenças semelhantes a (2), como (3) a seguir, são justificadas como possíveis *apenas* se o complemento sofre o fenômeno de troca de sintagma determinante (DP) pesado (cf. notas em Heycock (1995, p. 5); Arimoto (2005, p. 41)).

- (3) I consider the culprit John.  
'Eu considero o culpado o John.'

(Heycock, 1995, p. 5, (15)<sup>1</sup>)

<sup>1</sup>A autora apresenta apenas a versão agramatical desta sentença em texto quando a analisa sob a explicação de alçamento de predicado (cf. seção 3 deste *squib*), mas julga a mesma sentença como gramatical em nota quando trata de TDPP. O julgamento do dado (3) atende ao dessa nota.

Segundo Huang (2011, p. 1), troca de DP pesado (TDPP) refere-se a casos nos quais “um sintagma nominal ‘pesado’ [...] é deslocado para a direita de sua posição canônica<sup>2</sup>” (tradução nossa). Um exemplo de TDPP de Arnold *et al.* (2000) é (4), em que o objeto direto de *brought* (‘trouxe’) aparece ao fim da sentença, após sua posição canônica, sucedendo um adjunto:

- (4) The waiter brought to the table *the wine we had ordered*.  
 ‘A garçonne trouxe para a mesa o vinho que nós pedimos.’

(Arnold *et al.*, 2000, p. 2, (1b), grifo nosso)

Podemos notar que a troca também é possível no PB:

- (5) NASA encontrou, em Marte, *pedra preciosa que libera água e está presente em nosso planeta somente na Austrália e Piauí (Brasil)*.

(Rede social X, 2024, grifo nosso)

Pelos exemplos, podemos associar simplificadamente o peso à extensão do sintagma final. Em vista disso, surge um desencontro quanto ao exemplo que Heycock (1995) utiliza para associar a ordem não canônica do complemento em discussão com TDPP. Trazendo para os dados do PB, notamos que o DP ao final de (5) é mais extenso que aquele em (2), sendo questionável que no complemento deste último exemplo a ordem não canônica seja resultado de TDPP.

Partindo disso, o nosso objetivo é verificar se o fenômeno de TDPP é o único responsável pela ordem não canônica no complemento de *considerar*. Objetivamos especificamente: (i) identificar parâmetros para aferir se um sintagma é pesado; (ii) verificar se os parâmetros de peso aplicam-se à ordem não canônica no complemento de *considerar*; (iii) determinar se a ordem não canônica nesse complemento pode variar para além da influência de peso gramatical.

Para tanto, apuramos se descrições e explicações gramaticais desenvolvidas para o inglês estendem-se aos dados do PB. Realizamos a descrição dos dados do PB não abrangidos por essa relação, considerando funções pragmáticas e a comparação das versões do complemento mediada e não mediada por verbo finito. Os dados do inglês (7) são de Heycock (1995), Wasow (1997) Arnold *et al.* (2000), Huang (2011) e os do PB (21), além de provenientes de Pereira (2005) e Gomes (2007), foram coletados das plataformas X e O Pensador ou criados introspectivamente. No total, analisamos 28 dados linguísticos escritos.

Concluimos que, além da extensão, os nós sintáticos e as relações complexas ou modificações do núcleo de um sintagma são parâmetros de peso que influenciam a ordem do complemento de *considerar*, mas identificamos estruturas que não são consistentemente explicadas por peso. Uma é composta por dois DPs e a outra inicia-se com sintagma adjetival (AP) e finaliza-se com DP. Evidenciamos que para a primeira há uma explicação alternativa possível envolvendo alçamento do predicado, mas que a segunda não se encaixa também nessa explicação pelos critérios considerados, sugerindo que as formações não canônicas podem não ser uniformes.

<sup>2</sup>No original: “a ‘heavy’ noun phrase [...] is displaced to the right of its canonical position” (Huang, 2011, p. 1).

O *squib* está dividido da seguinte maneira. Na seção 2, apresentamos os parâmetros para se avaliar se um sintagma é pesado e alguns dos ambientes sintáticos em que o fenômeno de peso ocorre. Na seção 3, aplicamos os parâmetros de peso a dados com *considerar*, evidenciando que o fenômeno se realiza no complemento, mas não abrange todos os ordenamentos não canônicos dele. Também descrevemos os ordenamentos não canônicos no complemento constatando como possível uma explicação por alçamento de predicado, além de uma sensível a peso.

## 2 Parâmetros para verificar peso

Termos como *peso gramatical* ou *peso final* podem ser usados para referir-se ao fenômeno em que constituintes de uma sentença tendem a ocorrer em ordem de tamanho/complexidade crescente, o que acontece produtivamente em posição pós-verbal, alterando a ordem comum de sintagmas (Wasow, 1997; Huang, 2011).

Wasow (1997) apresenta agrupados em duas classes parâmetros de diferentes autores para se aferir peso. Uma classe é a dos critérios de peso, que abrange propostas que consideram apenas o sintagma final em suas relações: se o nominal é modificado por outro sintagma, como por um sintagma preposicional (PP) ou por uma relativa, ou se está em coordenação, por exemplo. A outra é a das medidas de peso, que inclui propostas que partem do número de itens lexicais ou de nós sintáticos (sejam associados a projeções máximas ou não) que ocorrem na projeção do sintagma final para comparar com o número de palavras ou nós que ocorrem no constituinte em relação ao qual houve mudança de posição. O autor verifica que, embora nenhum dos parâmetros seja unicamente generalizável, eles têm poder preditivo sobre o que leva ao fenômeno de peso final.

Além do inglês, exemplificado por (4), o PB permite estruturas com esse fenômeno, como podemos verificar na mudança das posições pós-verbais do exemplo (5), em que o DP final é modificado por relativa e evidentemente possui mais itens lexicais e nós do que o constituinte que o precede.

O ambiente no qual analisaremos os efeitos de peso não é exatamente um complemento como (5). Isso porque, para autores como Heycock (1995), Moro (1997), Arimoto (2005), Quarezemin, (2007), Gomes e Foltran (2009), o complemento do judicativo em pauta é uma sentença reduzida (*small clause*, SC), na qual um predicado não verbal (*the culprit* / *o culpado*) seleciona um argumento sujeito (*John* / *João*):

(6) I consider [<sub>SC</sub> John the culprit]

(Heycock, 1995, p. 5, (15a))

(7) Eu considero [<sub>SC</sub> o João o culpado]

Nesse sentido, pode-se defender que, quando autores como Heycock (1995) e Arimoto (2005) sugerem que ocorre TDPP nesse complemento, pretendem se referir à noção de peso em vez de TDPP como um fenômeno que recorta funções sintáticas específicas. Além disso, como supostamente ocorre em (2) e (3), o fenômeno de peso inclui casos de

posposição do sujeito segundo Wasow (1997) e Huang (2011). Nos exemplos a seguir, podemos depreender casos de sujeitos pospostos pesados nas línguas:

- (8) It is amazing *that human language is so complex*.  
'É incrível que a língua humana é tão complexa.'

(Huang, 2011, p. 33, (64b), grifo nosso)

- (9) A Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas diz, no n.º 5 do art.º 22 que é «proibida a *constituição de associações ou agrupamentos armados, de tipo militar, militarizado ou paramilitar*».

(Rede social X, 2024, grifo nosso)

Em vista do discutido, descreveremos na seção 3 o complemento de *considerar* admitindo que os autores pretendiam remeter ao peso do sintagma final levando em conta que ele pode ter função de sujeito, bem como utilizaremos os critérios e as medidas listados aqui para aferir peso no ordenamento não canônico desse complemento.

### 3 Ordenamentos no complemento: contraste entre deslocamento por peso e alçamento do predicado

Para Heycock (1995), Moro (1997), Arimoto (2005) e Mikkelsen (2011), não há alçamento do predicado dentro da sentença reduzida em (10). Ele só é possível para fora da SC (e de sua suposta extensão funcional sem verbo), como vemos em copulativas como (11).

- (10) \*I consider [<sub>FP</sub> the culprit<sub>k</sub> [<sub>F'</sub> [<sub>SC</sub> John t<sub>k</sub>]]]

(Heycock, 1995, p. 5, (15b))

- (11) [<sub>TP</sub> The culprit<sub>k</sub> is [<sub>SC</sub> John t<sub>k</sub>]]  
'O culpado é o João.'

(Heycock, 1995, p. 3, (11b))

Porém, segundo Heycock (1995) e Arimoto (2005), a sentença em (10) seria gramatical se a ordem não canônica fosse resultado de TDPP. Heycock (1995) ainda faz uma pontuação sobre pico entoacional entre estruturas com TDPP (cf. seção 3.2), mas foge do seu escopo ou do de Arimoto (2005) explicitar a derivação que geraria TDPP. No entanto, pelo julgamento que mencionam, em suas visões, a formação do complemento que resulta em TDPP (gramatical) é distinta da que resultaria da inversão por alçamento do predicado (agramatical).

Supomos que essa formação para TDPP seria inspirada em (12), apresentada em Huang (2011, p. 9, (16b)) como uma proposta comum da literatura sobre o tema:

- (12) [<sub>TP</sub> The waiter [<sub>T'</sub> brought t<sub>j</sub> to the table [<sub>T'</sub> [<sub>DP</sub> the wine we had ordered]<sub>j</sub>]]]

Em (12), temos um contraste explícito com a mudança de ordem que decorre do alçamento do predicado, que resulta de movimento à esquerda e não envolve uma relação de adjunção.

Adiante, temos uma análise preliminar do complemento de *considerar*, contrastando o alçamento à esquerda do predicado e o deslocamento à direita do DP sujeito pesado da SC.

### 3.1 Ocorrência do fenômeno de peso final no complemento

Podemos constatar pelos exemplos a seguir que o complemento de *considerar* é um ambiente sensível ao fenômeno de peso final:

- (13) Você considera a metade da década agora *2024 ou ano que vem[,] 2025?* [...].

(Rede social X, 2024, grifo nosso)

- (14) Quem teria pensado que os romanos consideravam inferiores *as culturas que consumiam quantidades excessivas de #leite?* [...].

(Rede social X, 2024, grifo nosso)

- (15) Vendo o documentário “The Jesus Music” e chocado que consideravam “cristão rebelde” *todo aquele que era contra a segregação.*

(Rede social X, 2024, grifo nosso)

- (16) Posso falar pros senhores, a prisão do deputado é legal sim, apesar de estar inserida no contexto desse inquérito cheio dos problemas processuais, eu considero legal *a prisão do deputado* sim.

(Rede social X, ©2024 [2021], grifo nosso)

Nos exemplos de (13)–(16), os DPs postos ao final ocorrem no complemento de *considerar* e representam o que seria o sujeito dessa estrutura posposto ao predicado. O DP final em (13) possui uma coordenação, os DPs em (14) e (15) têm nominal modificado por uma relativa e o DP de (16), por um PP. Esses DPs também possuem mais itens lexicais e nós do que o sintagma imediatamente precedente possui.

Os dados a seguir ((17) = (2)), embora também tenham ordenamento não canônico no complemento, diferem dos anteriormente apresentados quanto ao peso final:

- (17) O povo considera o vencedor *o João.*

(Pereira, 2005, p. 132, (69b), grifo nosso)

- (18) Considero o motivo da discórdia *a Maria.*

(Gomes, 2007, p. 45, (18b), grifo nosso)

- (19) Considero o melhor de todos os dons *o pensamento*. [...].

(Ferreira, O Pensador, ©2024, grifo nosso<sup>3</sup>)

- (20) Eu considero lindo *o anel*.

(Pereira, 2005, p. 132, (69c), grifo nosso)

Sobre os dados que provêm de trabalhos acadêmicos, (17), (18) e (20), não estão envoltos em uma explicação do que permite o ordenamento não canônico em complemento<sup>4</sup>. Seguindo Heycock (1995) e Arimoto (2005), justificaríamos a boa formação dele como resultado de TDPP. Contudo, essa justificativa não parece adequada.

Entre as sentenças de (17)–(19), o DP final não possui itens lexicais e nós em maior quantidade do que o sintagma que o precede imediatamente<sup>5</sup>. O complemento de (18) e o de (19), inclusive, têm um DP inicial mais pesado nesse sentido do que o que aparece ao fim do complemento. Sobre os outros parâmetros, nenhum dos DPs finais de (17)–(20) apresenta modificações após o nominal ou relações complexas. Logo, a boa formação desses complementos não decorre de estarem sendo enquadrados como casos de peso final.

### 3.2 Ocorrência de inversão no complemento

Por complementos como os de (17)–(20) serem gramaticais e por neles não ocorrer TDPP/peso final, não há a princípio justificativa para descartar o alçamento de predicado para tais complementos no PB. Dessa forma, não somente seria uma estrutura com peso final possível (21), mas também uma com inversão a partir do alçamento do predicado (22).

- (21) [<sub>TP</sub> Os romanos<sub>I</sub> [<sub>T'</sub> consideravam<sub>k</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>V'</sub> t<sub>k</sub> [<sub>SC</sub> t<sub>j</sub> inferiores]]]] [<sub>T'</sub> [<sub>DP</sub> as culturas que consumiam quantidades excessivas de leite]<sub>j</sub>]]]

- (22) Considero [<sub>FP</sub> o melhor de todos os dons<sub>k</sub> [<sub>F'</sub> [<sub>SC</sub> o pensamento t<sub>k</sub>]]]

As respectivas derivações e categorias exatas, bem como em que se diferem ou se aproximam estarão em futuras pesquisas<sup>6</sup>. Isso porque estamos neste momento interessados

<sup>3</sup>O site O Pensador permite que usuários armazenem textos próprios. No original, há uma vírgula: *considero o melhor de todos os dons, o pensamento*. Como o texto inicia assim, a vírgula não pode sugerir a retomada de um tópico. O objetivo da sentença é identificar o considerado melhor dos dons, até então não mencionado, de modo que o pensamento torna-se o foco. A vírgula reflete a ordem não canônica e(ou) indica uma pausa incomum, garantindo sua realização na leitura. Para evitar interpretações indevidas, adaptamos o exemplo (19).

<sup>4</sup>Gomes (2007) entende a ordem do complemento em (18) como canônica e, portanto, não investiga sua possível derivação não canônica. Corroboramos o julgamento da autora, mas não sua análise (cf. Silva, 2024b).

<sup>5</sup>Embora (20) se enquadre em parte dos parâmetros, podemos igualmente ter um caso como *eu considero muito lindo o anel*, o qual já não se enquadra e, ao mesmo tempo, não parece consideravelmente distinto de (20).

<sup>6</sup>Um ponto para se explorar: Huang (2011) brevemente aborda TDPP no complemento de *consider* e diz que são explicações possíveis o deslocamento à direita do sujeito ou o fronteamento do predicado. No fronteamento, assim como na inversão, o predicado move-se à esquerda. Contudo, segundo Huang

em algo mais básico: a (im)possibilidade de ordenamento não canônico insensível a peso.

Buscando indícios de alçamentos como em (22), inserimos os complementos de (17)–(20) em uma estrutura copulativa, já que a proposta de alçamento associa-se fortemente a essa (Moro, 1997). Além disso, a forma estendida e finita do complemento de *considerar* é uma sentença mediada por *ser*, reforçando a aplicabilidade do teste. Os resultados estão nas respostas (B) a seguir.

- (23) A: QUEM que o povo considera o vencedor?  
B: O povo considera que o vencedor é O JOÃO.
- (24) A: QUEM que você considera o motivo da discórdia?  
B: Considero que o motivo da discórdia é A MARIA.
- (25) A: QUAL que você considera o melhor de todos os dons?  
B: Considero que o melhor de todos os dons é O PENSAMENTO.
- (26) A: O QUE que você considera lindo?  
B: \*Eu considero que lindo é O ANEL.

Os complementos com DPs definidos, de (23B)–(25B), formam copulativas inversas, sugerindo-se uma explicação por alçamento de predicado. Já (26B) só é julgada gramatical em (20), fora do teste. Focaremos no confronto entre peso final e inversão, mas tal julgamento reforça que há ainda aspectos a serem discutidos sobre outras formações não canônicas<sup>7</sup>.

Segundo Heycock (1995), sentenças com alçamento de predicado devem apresentar fixamente foco no segundo DP. De acordo com Silva (2024a, 2024b), esse foco deve ser do tipo identificacional. Tal leitura de foco pode ser delimitada pela relação pergunta-resposta em que se requer uma identidade (cf. Lambrecht, 1994). A identidade dada na resposta será o foco, ou seja, uma informação não estabelecida no discurso e, portanto, informativa para um dos participantes. As sentenças anteriores já estão delimitadas por esse contexto pela pergunta que respondem, estando o foco em versalete; por isso, vemos também por tais exemplos que apenas aquelas de (23B)–(25B) se saem bem sob esse segundo diagnóstico.

Diante do comportamento desses dados, podemos contra-argumentar um segundo comportamento que Heycock (1995) utiliza para diferenciar inversão de TDPP a fim de mostrar que apenas TDPP ocorre no complemento do judicativo em pauta. A autora pontua que deve haver na pronúncia do complemento com peso final um pico entoacional no último sintagma, pico o qual não ocorre em casos de alçamento de predicado segundo ela.

Sabe-se que foco e pico têm uma relação forte nas línguas (Lambrecht, 1994). Sendo assim, entendemos que faz sentido que o complemento reduzido, ao formar uma estrutura

(2011), o fronteamento deve ser para uma posição que permita reconstrução. Como essa geralmente é não argumental, há diferença quanto à inversão, na qual o predicado vai a uma posição argumental (cf. Heycock, 1995; Moro, 1997; Mikkelsen, 2011).

<sup>7</sup>Para futuras análises, cabe a nota de que o complemento em (20) parece possível em pelo menos 3 contextos: exclamativo (i), de foco com contraste (ii) e de tópico à direita (iii): (i) eu considero lindo o anel!; (ii) eu considero lindo o anel, não o colar; (iii) eu considero lindo ele/*pro*, o anel.

inversa como copulativas fazem, tenha um DP final pronunciado com pico entoacional, porque o último elemento da inversão é fixamente o foco da estrutura. Contudo, não é claro como motivar a ocorrência de pico entoacional em TDPP como uma característica particular desse fenômeno que o distingue da inversão<sup>8</sup>. Como Heycock (1995) não desenvolve evidências a respeito da diferença julgada por ela, seu argumento, ao menos nesse estágio, não parece forte contra a ocorrência de alçamento de predicado no complemento investigado; em verdade, parece fortalecer tal ocorrência.

### 3.2.1 Paralelos entre complemento com inversão e com peso final

Embora sejam esclarecedores, os parâmetros de peso discutidos na seção 2 não descartam completamente que, sendo pesado o último DP do complemento de *considerar*, temos somente uma derivação sensível a peso, e não o alçamento do predicado sobre o sujeito. Para verificarmos essa afirmação, consideremos as copulativas a seguir ((27) = (9)):

- (27) [...] é «proibida a constituição de associações ou agrupamentos armados, de tipo militar, militarizado ou paramilitar.».

(Rede social X, 2024)

- (28) [...] a única solução é o retorno da autoridade britânica no levante ou qualquer outra potência controlando aquela região [...].

(Rede social X, 2024)

As sentenças (27) e (28) têm um sintagma final pesado. Contudo, apenas em (27) seria possível supor um deslocamento à direita do DP sujeito em vista do peso. Apesar de na copulativa inversa em (28) haver também um sujeito pós-verbal e de ele atender aos parâmetros de peso, a ordem dos elementos em relação ao verbo revela que a derivação de (28) não é, ao menos não de forma óbvia, a mesma de (27). Tanto que Heycock (1995) e Arimoto (2005) não assumem serem estruturas idênticas. Como vimos, uma explicação para a copulativa em (28) é que ela alça o seu predicado à esquerda, mantendo-se o sujeito onde foi gerado (na SC).

Contudo, sem o elemento verbal, essa distinção se perde no complemento:

- (29) A Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas considera [proibida a constituição de associações ou agrupamentos armados, de tipo militar, militarizado ou paramilitar].

- (30) O eurocêntrico considera [a única solução o retorno da autoridade britânica no levante ou qualquer outra potência controlando aquela região].

<sup>8</sup>Notamos que, se há um comportamento regularmente associado ao pico em TDPP, ele deve ser explorado de outra perspectiva que não a da leitura de novidade. Na literatura, encontramos associações entre a leitura de novidade (que ocorre quando se introduz uma entidade no discurso) e o DP final pesado. No entanto, Wasow (1997) e Arnold *et al.* (2000) provam que DPs pesados também podem ser antigos no discurso. No nosso exemplo (16), o DP final compõe um ordenamento não canônico e é pesado pelos parâmetros vistos na seção 2, mas não é novo. Ele é antigo/textualmente evocado, já que o mesmo DP ocorre no texto anteriormente.

Poderíamos justificar que o DP final é pesado em ambas as estruturas e determinar que seriam explicadas por uma derivação sensível a peso. No entanto, complementos não canônicos como (30) são bem formados com os mesmos elementos que ladeiam copulativas inversas como (28), o que reforça a possibilidade de o complemento ter uma formação com alçamento do predicado.

## 4 Conclusão

Neste *squib*, analisamos o complemento sentencial reduzido do verbo *considerar* com leitura judicativa no PB, particularmente em seu ordenamento não canônico. Objetivamos responder se o fator determinante para tal ordenamento é exclusivamente o peso, que faria o sujeito do complemento aparecer ao final da sentença, contrariando a ordem canônica.

Os parâmetros para aferir peso foram: a existência de relações complexas ou de modificações do núcleo no último sintagma; a extensão, mais precisamente, a quantidade de itens lexicais, ou a posse de nós sintáticos do sintagma final quando maiores em comparação ao sintagma precedente (Wasow, 1997, e suas referências). Constatamos que o fenômeno de peso final pode influenciar a ordem no complemento, mas não motiva todos os ordenamentos não canônicos.

Pelas versões reduzida e estendida do complemento, constatamos que parte dos ordenamentos não canônicos pode ter a mesma composição e leitura funcional que copulativas inversas. Nesse sentido, evidenciamos que uma formação possível para o complemento do verbo judicativo discutido, mas não abordada pela literatura como sensível a peso, é aquela com inversão (com alçamento do predicado) e lida com foco identificacional, o qual ocorre fixamente no último DP. Além dessa, encontramos uma formação do complemento iniciada por AP (*eu considero lindo o anel*) que não se enquadra como resultado de inversão e cujo DP final pode não ser determinado como pesado.

Aos trabalhos futuros, sugerimos aprofundar os processos derivacionais da geração de ordenamentos não canônicos no complemento visivelmente reduzido do verbo *considerar*, a fim de determinar as projeções envolvidas e se a inversão e o deslocamento por peso concretizam-se como estruturas distintas, como direcionado nesta pesquisa inicial. Nessa mesma linha investigativa, é necessário ter em conta os complementos AP-DP, avaliando quais explicações são mais adequadas para sua formação.

## Referências

ARIMOTO, M. Copular clause in English. *Nanzan Linguistics*, v. 3, 2005.

ARNOLD, J. E.; LOSONGCO, A.; WASOW, T.; GINSTROM, R. Heaviness vs. newness: the effects of structural complexity and discourse status on constituent ordering. *Language*, v. 76, n. 1, p. 28-55, 2000.

GOMES, A. F. R. Small clauses nominais e estruturas equativas. *Cad.Est.Ling.*, Campinas, v. 49, n. 1, p. 39-47, 2007.

GOMES, A. F. R.; FOLTRAN, M. J. Small clause complemento: caracterização e seleção. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 51-71, jul./dez. 2009.

HEYCOCK, C. The internal structure of small clause: new evidence for inversion. *Proceedings of the North East Linguistics Society*, v. 25, n. 5, p. 224-238, 1995.

HUANG, Z. N. *Too Heavy to Move*: an analysis of heavy noun phrase shift and related phenomena. Ling 491 Senior Essay, 2011.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MIKKELSEN, L. Copular clauses. In: MAIENBORN, C.; HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (ed.). *Semantics: an international handbook of natural language meaning*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. p. 1805-1829.

MORO, A. *The raising of predicates: predicative noun phrases and the theory of clause structure*, Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

OLIVEIRA, L. E. *Small clause complemento de verbos judicativos: análise das ocorrências no português do Brasil*. 55 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Licenciatura em Letras) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, PR, 2013.

PEREIRA, V. E. N. Conceção de Small Clauses nominais amalgamadas nas estruturas preditivas complexas do português brasileiro. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

QUAREZEMIN, S. A estrutura interna da small clause complemento de verbos ECM. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 49, n. 1, p. 49-64, 2007.

SILVA, D. A. Notas acerca das restrições funcional e composicional de copulativas especificacionais. *Working Papers em Linguística*, v. 25, n. 2, p. 78-102. 2024a.

SILVA, D. A. O complemento de 'considerar' como uma estrutura especificacional. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 77, p. 336-360, 2024b.

WASOW, T. Remarks on grammatical weight. *Language Variation and Change*, v. 9, p. 81-105, 1997.

**AUTORIA****Douglas Alan da Silva (USP)**

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

<https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt/>**DADOS DA PUBLICAÇÃO**Seção: *Squibs*

Recebido em: 6/1/2025

Aceito em: 11/3/2025

Publicado em: 25/6/2025

**COMO CITAR**

SILVA, Douglas Alan da. Ordem não canônica no complemento de *considerar*: apenas um caso de troca de DP pesado? **Caderno de *Squibs***: Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 1, p. 33-44, 2024.

**SOBRE A REVISTA**Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*

# Interpretação ergativa e causativa de orações encaixadas: sujeito nulo ou posposto?

Ergative and causative readings of embedded clauses:  
null or postposed subject?

Paloma Petry\*

## Resumo

Este trabalho tem por objetivo descrever a interpretação preferencial do falante nativo de PB em relação às leituras ergativa e causativa de orações encaixadas. Para tanto, propomo-nos a elaborar um questionário de modo a obter uma amostra que indicasse uma possível leitura preferencial. Com base na literatura sobre sujeito nulo, ordem verbo-sujeito e ergativização, foi possível delimitar algumas restrições e predições de leitura preferencial para esse tipo de ambiguidade. Os dados obtidos através da testagem mostram que a leitura preferencial é a causativa, com sujeito nulo, o que corrobora as predições da literatura da área.

**Palavras-chave:** sujeito nulo, ordem VS, ergativização, ambiguidade

## Abstract

This paper aims to describe the preferred reading of Brazilian Portuguese native speakers concerning the ergative and causative readings of embedded clauses. Thus, we carried out a questionnaire in order to gather a sample that indicated a possible preferred reading. Based on the literature on null subject, verb-subject order and ergativity, we were able to establish some restrictions and predictions regarding the preferred reading for this type of ambiguity. Data collected through the administration of the questionnaire shows that the preferred reading is the causative one with null subject, which corroborates the literature predictions.

**Keywords:** null subject, verb-subject order, ergativity, ambiguity

---

\*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. *E-mail:* palomapetry23@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0784-4447>. Agradeço aos meus professores, Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero e Prof. Dr. Marcos Goldnadel, pelas discussões que possibilitaram a conclusão deste estudo. Agradeço, também, aos pareceristas, pelas importantes observações.

## 1 Introdução

Este trabalho busca discutir, em orações encaixadas, a possibilidade de leitura causativa, no caso de sujeitos nulos com causativas transitivas, e de leitura ergativa, no caso da ordem não-canônica VS com ergativas intransitivas, mais especificamente orações encaixadas ambíguas com esses dois tipos possíveis de interpretação, como podemos ver com o exemplo em (1) abaixo:

- (1) João disse que *quebrou a janela*.

Ordem VS: (João disse que) a janela *quebrou*. (ergativa intransitiva)

Sujeito nulo: (João disse que) João *quebrou a janela*. (causativa transitiva)

Ambos os fenômenos têm sido alvo de debate na literatura. Por um lado, a questão do sujeito nulo parece atrair a atenção de muitos devido ao português brasileiro (PB) ter sido canonicamente uma língua *+pro-drop* que está perdendo essa característica (Duarte, 1993; 2000; Kato; Duarte, 2014; Othero; Spinelli, 2019). Por outro, a ordem VS e a ergativização trazem à tona questões difíceis de responder relacionadas a tipos de verbo, papéis temáticos e motivação linguística (Menuzzi, 2004; Ciriaco, 2007).

O propósito principal deste trabalho é verificar a preferência de interpretação, em relação a essa ambiguidade, através de um questionário. Para tanto, este trabalho divide-se em cinco partes: esta introdução; um referencial teórico que aborda questões relacionadas ao sujeito nulo no PB e orações ergativas de ordem VS; uma seção de metodologia, em que mostramos como a testagem da preferência de interpretação foi feita; uma seção de resultados, em que se apresentam os resultados obtidos com a testagem; e, por fim, as considerações finais.

## 2 Sujeito nulo de causativa ou sujeito posposto de ergativa?

Nesta seção serão abordados estudos sobre os dois fenômenos que estão sendo investigados neste trabalho. Dessa forma, esta seção está dividida em duas partes: na primeira, abordaremos a questão do sujeito nulo de forma breve e relevante para este estudo; na segunda, traremos discussões sobre ordem VS e ergativização.

### 2.1 Sujeito nulo

Conforme mencionado anteriormente, diversos estudos (Barbosa; Kato; Duarte, 2005; Holmberg; Nayudu; Sheehan, 2009; Kato; Duarte, 2014; Othero; Spinelli, 2019) vêm sendo realizados sobre o fenômeno do sujeito nulo no PB com o objetivo de determinar que tipo de mudança está em andamento na língua, quais estruturas são afetadas por essa mudança e, afinal, onde o PB se encaixa atualmente na tipologia de línguas com relação ao parâmetro *pro-drop*.

De acordo com Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009), o PB está perdendo seu estatuto como língua de sujeito nulo obrigatório, sendo considerada, atualmente, uma língua

de sujeito nulo parcial. Sendo assim, o PB permite o uso de sujeito nulo em alguns contextos específicos, mas não com a mesma liberdade que outras línguas de sujeito nulo canônico, tal como o português europeu (PE), por exemplo, não seguindo, assim, o princípio de “evite pronome”, proposto por Chomsky (1981).

Duarte (1993) mostra, através da análise diacrônica de um corpus composto por peças de teatro dos séculos XIX e XX, como o uso do pronome sujeito pleno aumentou no Brasil de um século para o outro. De acordo com os dados de Duarte (1993; 2000; 2012), enquanto, em 1845, o uso de pronomes plenos era equivalente a 20%, em 1992, seu uso passou para 74%. Mais tarde, dando andamento ao trabalho desenvolvido pela autora, Othero e Spinelli (2019) analisaram peças de teatro do século XXI, com o objetivo de identificar se as conclusões de Duarte se estendem e são reforçadas mais recentemente. De acordo com os autores, o uso de sujeito pleno se deu em 73,3% dos casos, enquanto o de sujeito nulo se deu em 26,7%, o que confirma a hipótese de que o PB está favorecendo o uso de sujeito pleno.

Além disso, Barbosa, Kato e Duarte (2005) fizeram uma análise da distribuição do pronome sujeito pleno e nulo de terceira pessoa em PE e PB com *corpus* escrito. A partir da análise dos dados, as autoras foram capazes de identificar que o uso do sujeito nulo só é licenciado quando há um antecedente marcado no discurso. Portanto, as autoras consideram quatro tipos de padrões estruturais para o antecedente: 1) antecedente do sujeito nulo é o sujeito da oração principal; 2) antecedente é sujeito de uma sentença adjacente anterior; 3) antecedente é sujeito de uma sentença não-adjacente anterior; e 4) antecedente está em uma sentença adjacente anterior, mas é funcionalmente diferente do sujeito nulo. A partir dessa divisão, Barbosa, Kato e Duarte (2005) concluíram que o padrão estrutural que mais licencia sujeito nulo, tanto em PB como em PE, é o que o antecedente é o sujeito da oração principal (22% de sujeito pleno no PB e 3% de sujeito pleno no PE), como no caso, por exemplo, de orações encaixadas.

## 2.2 Sujeito posposto de ergativas

Assim como no caso do sujeito nulo, a ordem verbo-sujeito parece ser um fenômeno linguístico com muitas restrições no PB. O interessante de ser notado é que, também como no caso do sujeito nulo, a ordem VS ainda é muito usada no PE e, até o século XIX, o PB tinha um comportamento parecido ao do PE em relação ao uso de ordem VS. De acordo com Menuzzi (2004), estudos gerativistas apontam que o motivo para ambos os fenômenos serem cada vez menos frequentes é o mesmo: o PB está sofrendo uma mudança paramétrica, ou seja, deixando de ser uma língua de sujeito nulo obrigatório. Portanto, atualmente, falantes nativos de PB tendem a preencher a posição de sujeito, o que desfavorece tanto o uso de sujeito nulo quanto de ordem VS, ainda que estas não tenham sido eliminadas por completo.

Com relação às restrições à ordem VS, Menuzzi (2004) aponta duas restrições identificadas pela literatura que operam sobre essa ordem, sendo elas:

- (2) a. Restrição à definitude (do sujeito):  
apenas “sujeitos” indefinidos podem ser pospostos.
- b. Restrição da monoargumentalidade:  
apenas verbos intransitivos (Nascimento, 1984) /inacusativos (Figueiredo Silva, 1996) permitem a ordem VS.

Sendo assim, entendemos que, no caso de verbos ergativos, que são intransitivos e inacusativos, a ordem VS é autorizada, como em (3):

- (3) Quebrou uma janela.

Entretanto, Menuzzi (2004) afirma que essas restrições não são absolutas. Parece ser possível, por exemplo, o uso de sujeito definido com verbos ergativos, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (4) Afundou o barco.
- (5) Apagou a vela.
- (6) Começou a aula.

Considerando que essas restrições não parecem ser tão efetivas, Menuzzi (2004) apresenta a “restrição da ambiguidade”, proposta por Berlinck (1989), que afirma que, “quanto maior a chance do sujeito invertido não ser interpretado como o sujeito gramatical do predicado, menor a chance da ordem VS, e vice-versa” (Menuzzi, 2004, p. 368). Sendo assim, verbos ergativos com sujeito posposto em oração principal de contextos *out-of-the-blue* não parecem deixar dúvidas quanto à sua aceitabilidade. No entanto, quando temos algo como (1), repetido aqui como (7), a restrição da ambiguidade deveria, em princípio, restringir a inversão.

- (7) João disse que quebrou a janela.

Em (7) temos o uso de discurso indireto e de uma oração ergativa intransitiva com sujeito posposto encaixada, ou de uma oração causativa transitiva com sujeito nulo. Ainda que a restrição da ambiguidade e o pronome nulo de terceira pessoa com antecedente na oração principal supostamente favoreçam a interpretação causativa, trata-se de uma frase ambígua. Essa ambiguidade faz-se ainda mais evidente quando consideramos a interpretação a partir de conhecimentos de mundo, conforme podemos ver em (8):

- (8) João disse que furou o pneu do carro.

Em (8), sabemos que é mais provável um pneu furar “sozinho” do que alguém ativamente furar um pneu. Entretanto, a interpretação primária aqui pode funcionar de diferentes formas para os falantes, mesmo que eles sejam da mesma comunidade linguística. Sendo assim, faz-se necessário testar essa interpretação dos falantes para que seja possível verificar se as restrições e as preferências expostas acima fazem uma descrição precisa sobre o PB.

### 3 Metodologia

O objetivo deste trabalho é testar sentenças ambíguas com orações encaixadas em contextos *out-of-the-blue* para determinar qual a leitura preferencial de falantes nativos de PB: leitura causativa ou ergativa. Dessa forma, elaboramos um questionário usando a ferramenta de formulários do Google<sup>1</sup> para realizar a testagem. Posteriormente, os dados passaram por uma análise quantitativa para determinar a leitura preferencial.

O teste foi composto por 18 sentenças: oito que faziam parte da testagem e dez distratoras. As sentenças foram apresentadas aos participantes com duas alternativas de interpretação, e eles deveriam selecionar a alternativa que correspondesse à sua interpretação inicial. Em (9), podemos ver uma questão que foi elaborada para o teste, junto de suas alternativas:

(9) Taís disse que acendeu a luz.

Opção 1: Taís acendeu a luz.

Opção 2: A luz acendeu.

Já em (10) e (11) temos exemplos de distratoras, em que há, novamente, o sujeito nulo, mas com sentenças encaixadas que não licenciam uma leitura ergativa:

(10) Maria disse que estudou para a prova.

Opção 1: Maria estudou para a prova.

Opção 2: Outra pessoa estudou para a prova.

E sentenças encaixadas com sujeito pleno, em concordância com o sujeito:

(11) Amanda disse que ela já viajou para vários países.

Opção 1: Amanda já viajou para vários países.

Opção 2: Outra pessoa já viajou para vários países.

Este formulário foi divulgado através de redes sociais para tentar atingir uma variedade maior de informantes. Como o trabalho não é de cunho sociolinguístico, questões relacionadas a faixa etária, localidade e estrato social não foram levadas em consideração. Todos os informantes permaneceram anônimos ao longo do processo de coleta de dados. Em seguida, os resultados obtidos através deste teste serão apresentados e analisados.

### 4 Resultados

Nesta seção, iremos apresentar e analisar os dados coletados através do questionário. No total, obtivemos 64 respostas para o teste, cujo objetivo principal era fornecer apenas uma amostra de resultados para esse tipo de sentença.

<sup>1</sup>Internet: <https://docs.google.com/forms/u/0/>.

Tomou-se o cuidado para que todos os sujeitos das orações principais concordassem em número com o sujeito posposto/objeto da oração encaixada, de modo que a sentença fosse, de fato, ambígua. Além disso, todos os verbos usados nas orações encaixadas são, de acordo com a classificação de Ciríaco (2007), primariamente transitivos, mas sujeitos ao processo de ergativização, ou seja, quando há uma reorganização da estrutura argumental de um verbo transitivo de modo que o sujeito é omitido, deixando a posição de sujeito em aberto para que o objeto, i.e. paciente, seja alçado para a posição de sujeito (Cançado, 2013). As sentenças testadas são listadas abaixo com seus respectivos resultados de aceitação.

**Tabela 1 — Resultados do questionário**

| Sentença                                          | Interpretação causativa | Interpretação ergativa |
|---------------------------------------------------|-------------------------|------------------------|
| Ana disse que abriu a porta.                      | 57/64 (89,1%)           | 7/64 (10,9%)           |
| Camila e Elisa disseram que estragaram as tortas. | 41/64 (64,1%)           | 23/64 (35,9%)          |
| Gabriel disse que afundou o barco.                | 45/64 (70,3%)           | 19/64 (29,7%)          |
| Bruno disse que quebrou a janela.                 | 59/64 (92,2%)           | 5/64 (7,8%)            |
| Laura e Marina disseram que sujaram os carros.    | 40/64 (62,5%)           | 24/64 (37,5%)          |
| Patrícia disse que apagou a lareira.              | 52/64 (81,3%)           | 12/64 (18,8%)          |
| Marcos disse que fechou a porta.                  | 54/64 (84,4%)           | 10/64 (15,6%)          |
| Taís disse que acendeu a luz.                     | 52/64 (81,3%)           | 12/64 (18,8%)          |
| <b>Total</b>                                      | <b>78,1%</b>            | <b>21,9%</b>           |

Fonte: elaboração própria.

Como podemos verificar pelos resultados encontrados, a proposta de restrição de ambiguidade (cf. Menuzzi, 2004) é corroborada, o que se dá porque, como vimos, quanto menor a chance de o sujeito posposto ser o sujeito gramatical, menor a chance de ocorrer a ordem VS. Ainda que isso se aplique majoritariamente para explicar casos relacionados a tipos de verbo e transitividade em ordem VS, essa restrição também parece se aplicar ao caso da preferência pela interpretação causativa, uma vez que a sentença é ambígua devido ao antecedente na oração principal, que, de acordo com Barbosa, Kato e Duarte (2005), é o tipo de estrutura que mais licencia o uso do sujeito nulo.

Acredita-se, também, que pode haver uma correlação entre a interpretação de orações encaixadas com verbos primariamente transitivos/intransitivos e os processos de ergativização e causativização, este último referente a quando um verbo primariamente intransitivo passa a ter estrutura de transitivo (Ciríaco, 2007). Conforme vemos pela tabela, todos os verbos usados no teste são verbos primariamente transitivos, que podem passar por processo de ergativização. Esse processo é particularmente efetivo em orações principais ou orações encaixadas com ordem SV, mas não tanto em orações encaixadas com ordem VS, como podemos ver pelos resultados do questionário — nesses casos, o sentido primário do verbo parece dominar a interpretação e, com o sujeito nulo

licenciando a leitura transitiva, a leitura ergativa é menos favorecida. Isso se mostra, em especial, com os casos de *Bruno disse que quebrou a janela* (92,2% de leitura causativa) e com *Ana disse que abriu a porta* (89,1% de leitura causativa), que costumam ser exemplos bastante prototípicos de orações ergativas, tanto em ordem SV, quanto em ordem VS (cf. Ciríaco, 2007; Cançado, 2013), mas que aqui, nas orações encaixadas, tiveram os menores índices de leitura ergativa (7,8% e 10,9%, respectivamente).

Por outro lado, as sentenças *Gabriel disse que afundou o barco* e *Patrícia disse que apagou a lareira* são duas das três sentenças que tiveram os maiores índices de interpretação ergativa com a terceira pessoa do singular (29,7% e 18,8%, respectivamente). Isso porque é muito mais fácil um barco afundar “sozinho” do que alguém o afundar, e, normalmente, a lareira costuma apagar sozinha — dificilmente alguém faz um esforço para apagá-la. Ou seja, aparentemente, *a questão de conhecimento de mundo parece desempenhar um papel importante no favorecimento da leitura ergativa*.

A terceira sentença com maior índice de interpretação ergativa com a terceira pessoa do singular é *Taís disse que acendeu a luz* (18,8% de interpretação ergativa), que também reforça a importância do conhecimento de mundo para o licenciamento da leitura ergativa: se considerarmos que hoje em dia muitas luzes operam com sensores de movimento ou *timers*, faz sentido que a leitura ergativa seja licenciada com mais facilidade, pois é algo que o falante conhece e com o qual convive. Ainda assim, apesar de essas três serem as sentenças com terceira pessoa do singular com maior índice de interpretação ergativa, a interpretação causativa ainda é preferencial (70,3%, 81,8% e 81,8%).

Além disso, uma questão interessante é que duas das sentenças testadas contam com sujeito composto, ou seja, nesse caso, terceira pessoa do plural, e justamente essas duas sentenças são as que têm o menor percentual de interpretação causativa (64,1% e 62,5%), ainda que a interpretação causativa seja predominante mesmo nesses casos. Essas porcentagens podem estar relacionadas, entretanto, ao fato de que a terceira pessoa do plural licencia a leitura de sujeito indeterminado, como podemos ver abaixo com uma das sentenças do questionário:

(12) Laura e Marina disseram que sujaram os carros.

Interpretação possível: Alguém que não Laura e(ou) Marina sujou os carros.

Contudo, como não havia uma opção de interpretação para sujeito indeterminado, é possível que os participantes que tenham feito essa leitura tenham escolhido a opção da leitura ergativa por falta de opção. Se for esse o caso, teríamos uma terceira opção que não havia sido considerada inicialmente e que pode ter intervindo nos resultados da testagem.

Por fim, vale ressaltar que, em termos de resultados totais, a leitura causativa com sujeito nulo é clara e significativamente mais proeminente que a leitura ergativa (78,1% vs. 21,9%), indo ao encontro das teorias e análises dos estudos apresentados neste trabalho.

## 5 Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi verificar a interpretação primária de orações encaixadas ambíguas com leitura causativa transitiva (com sujeito nulo) e ergativa intransitiva (com ordem VS) para melhor descrever a língua. Para tanto, realizamos um questionário para juntar uma pequena amostra de dados como indicativo de possíveis padrões linguísticos.

No total, obtivemos 64 respostas ao teste. Entretanto, como mencionado anteriormente, como este trabalho não é de cunho sociolinguístico, optamos por não considerar questões de gênero, faixa etária, localidade ou estrato social. Ainda assim, um novo estudo levando esses fatores em consideração poderia ajudar a melhor descrever esse fenômeno.

Todas as três questões relacionadas à literatura que sustentam a leitura causativa como a interpretação preferencial parecem ter sido corroboradas. Algumas questões, porém, ainda precisam ser exploradas, como o índice mais alto de leitura ergativa com as sentenças com flexão de terceira pessoa do plural, que pode estar relacionado à leitura de sujeito indeterminado causativo que a terceira pessoa do plural licencia.

Além disso, seria interessante, em um novo estudo, tentar incluir verbos primariamente intransitivos em processo de causativização, como podemos ver nos exemplos abaixo, extraídos de Ciríaco (2007, p. 56-57):

- (13) a. O bebê acordou.  
b. O barulho acordou o bebê.
- (14) a. A chave sumiu.  
b. ?? João sumiu a chave.

Nesses casos, seria interessante testar o que acontece com esse tipo de verbo em orações encaixadas e com ordem VS, como em (15) e (16) abaixo, para verificar se a leitura preferencial muda a depender do sentido primário do verbo.

- (15) João disse que acordou o bebê.
- (16) Maria disse que sumiu a chave.

Por fim, ainda que este estudo tenha se proposto apenas a verificar a leitura preferencial através de testagem, um novo estudo que se proponha a explicar a motivação por trás da preferência seria de extrema valia para os estudos linguísticos.

## Referências

BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Londres, v. 4, n. 2, p. 11-52, 2005.

BERLINCK, R. de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 95-112.

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CIRÍACO, L. *A Alternância Causativo/Ergativa no PB: Restrições e Propriedades Semânticas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

DUARTE, M. E. L. The loss of the Avoid Pronoun Principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. (org.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Vervuert Verlagsgesellschaft, 2000. p. 17-36. DOI: <https://doi.org/10.31819/9783964561497-002>.

DUARTE, M. E. L. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A Posição do Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

HOLMBERG, A.; NAYUDU, A.; SHEEHAN, M. Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, v. 63, n. 1, p. 59-97, 2009.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. *VEREDAS: Sintaxe das Línguas Brasileiras*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 1-22, 2014.

MENUZZI, S. A Ordem Verbo-Sujeito no Português do Brasil: Para uma Comparação das Abordagens Formalistas e Funcionalistas. *Rev. ANPOLL*, n. 16, p. 349-384, 2004.

NASCIMENTO, M. do. *Sur la Postposition du Sujet dans le Portugais du Brésil*. 1984. Tese (Doutorado em Linguística) – Université de Paris VIII, Paris, 1984.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Sujeito pronominal expresso e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB). *Domínios de Língu@gem*, v. 13, n. 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL37-v13n1a2019-1>.

**AUTORIA****Paloma Petry (UFRGS)**

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

<https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt/>**DADOS DA PUBLICAÇÃO**Seção: *Squibs*

Recebido em: 31/1/2025

Aceito em: 11/3/2025

Publicado em: 25/6/2025

**COMO CITAR**

PETRY, Paloma. Interpretação ergativa e causativa de orações encaixadas: sujeito nulo ou posposto?

**Caderno de *Squibs*:** Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 1, p. 45-54, 2024.**SOBRE A REVISTA**Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*

# A aceitabilidade de sentenças com duplicação *vs* deslocamento à esquerda de sujeito

The acceptability of sentences with subject doubling *vs* subject left-dislocation

Karoline Gasque de Souza\*

## Resumo

O presente trabalho analisa a aceitabilidade de alunos dos anos finais da educação básica em relação a frases do português brasileiro (PB) que possuem um sintagma nominal (SN) seguido de um pronome correferente em posição de sujeito. Foram consideradas duas construções: uma com pausa entre o SN deslocado, caracterizando um deslocamento à esquerda de sujeito (tipo tópico-comentário), e outra sem pausa, uma duplicação/redobro de sujeito (tipo sujeito-predicado). A pesquisa foi realizada em sala de aula de modo que os alunos julgaram frases em uma escala de aceitabilidade em quatro contextos distintos. O objetivo era verificar se ambos os tipos de construção eram igualmente aceitos ou se havia preferência dependendo do *status* informacional do referente (informação velha ou informação nova no discurso). Os resultados indicaram que sentenças com deslocamento à esquerda foram mais aceitas em contextos em que o referente veicula informação velha ou informação previamente ativada, enquanto sentenças com duplicação de sujeito foram preferidas em contextos com referente ativado ou de informação nova.

**Palavras-chave:** duplicação, deslocamento à esquerda, sujeito, português brasileiro

## Abstract

This study analyzes the acceptability among upper elementary students of Brazilian Portuguese (BP) of sentences containing a noun phrase (NP) followed by a coreferential pronoun in the subject position. Two constructions were considered: one with a pause after the displaced NP, characterizing a left-dislocation of the subject (topic-comment type), and another without a pause, representing subject duplication (subject-predicate type). The research was conducted in a classroom setting, where students rated sentences on an acceptability scale across four distinct contexts. The aim was to determine whether both constructions were equally accepted or if there was a preference depending on the informational status of the referent (old or new information in discourse). Results indicated that left-dislocation sentences were more accepted in contexts where the referent conveyed old information or previously activated information, whereas subject duplication sentences were preferred in contexts with activated referents or new information.

**Keywords:** duplication, left-dislocation, subject, Brazilian Portuguese

---

\*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. E-mail: karolinegasque@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4944-4521>. Agradeço ao Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero e aos pareceristas pelos comentários e sugestões.

## 1 Introdução

Este trabalho analisa a aceitabilidade de alunos dos anos finais da educação básica quanto a frases com sintagma nominal (SN) seguido por pronome correferente em posição de sujeito em português brasileiro (PB), por exemplo, *A Maria(,) ela é professora*. Consideramos existir dois tipos de construção, uma com pausa entre o SN deslocado e o pronome, que se configura como um deslocamento à esquerda de sujeito (construção do tipo tópico-comentário), e outra sem pausa entre SN e pronome, que se estrutura como uma duplicação ou redobro de sujeito (construção do tipo sujeito-predicado). O fenômeno foi investigado por meio de um experimento realizado em sala de aula, no qual os alunos ouviram e avaliaram as frases, em um julgamento do tipo escala, em quatro contextos distintos. O objetivo foi verificar se os dois tipos de construção são igualmente aceitos ou se há alguma tendência de aceitabilidade a depender do *status* informacional do referente, se uma informação velha, já ativada de alguma forma, ou nova no discurso. A partir dos testes, conseguiremos averiguar se a aceitabilidade das duas sentenças é igual em todos os contextos, ou se há alguma preferência a depender do grau de ativação do referente no discurso.

## 2 Sintagma nominal seguido por pronome correferente

As ocorrências de SNs atuando como sujeitos pré-verbais seguidos imediatamente de pronome correferente em PB foram estudadas primeiramente por Pontes na década de 1980, com destaque especial para Pontes (1987). No entanto, elas já podiam ser observadas nos registros de língua falada do NURC em meados de 1970 (Castilho; Preti, 1986). Tais ocorrências foram estudadas por diversos autores, sob diferentes perspectivas, que, em sua maioria, as consideravam como sentenças de deslocamento à esquerda de sujeito (Callou *et al.*, 2002[1993]; Duarte, 1995; Britto, 1998; Moraes e Orsini, 2003). Mais recentemente, porém, há autores que dividem as ocorrências de SNs atuando como sujeitos pré-verbais seguidos imediatamente de pronome correferente em construções com deslocamento à esquerda de sujeito e em construções com duplicação/redobro de sujeito (Costa, Duarte e Silva, 2004; Quarezemin, 2018, 2019; Gasque de Souza, 2021, 2023; Krieck, 2022; Rezende dos Reis, 2023), pautados especialmente na ausência de ruptura prosódica entre o sintagma sujeito e o pronome.

Destaca-se aqui o trabalho de Gasque de Souza (2021) pelas análises realizadas quanto aos aspectos prosódicos, sintáticos e informacionais/discursivos das ocorrências com SN seguido por pronome correferente a fim de descobrir se apresentavam ou não apresentavam marcação prosódica em termos de pausa entre o SN e o pronome, e qual a relação entre a presença ou a ausência de pausa e a forma e o uso de cada construção. Foram encontradas, no corpus de língua falada LínguaPOA (2015-2018)<sup>1</sup>, ocorrências com e sem a presença de pausa entre SN e pronome e, surpreendentemente, conforme análises realizadas no PRAAT, foi identificado um número bem mais expressivo de construções sem pausa (78%) do que com a marcação de pausa prosódica (22%).

<sup>1</sup>LÍNGUAPOA. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015-2019 (período de coleta). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

Ao relacionar a presença e a ausência de pausa com os aspectos informacionais/discursivos da construção, Gasque de Souza (2021) descobriu que o sujeito das construções sem pausa pode ser um referente totalmente novo na entrevista, ou seja, uma informação nova, não mencionada no discurso e nem ativada no contexto pragmático (68% dos dados são de informação velha e 32% dos dados são de informação nova). Já os sujeitos das construções com pausa entre o SN e o pronome são, em 94% dos casos, de referentes já mencionados, informação velha, e em todos os dados com pausa o referente já estava ativado ou ancorado de alguma forma no discurso. Com isso, Gasque de Souza (2021) concluiu que as ocorrências sem pausa entre SN e pronome são construções inovadoras do PB contemporâneo, pois o SN não se qualifica como um tópico (um referente já mencionado ou acessível, uma informação velha), mas como um típico sujeito.

A via de exemplificação, apresentamos dois trechos representativos dos achados de Gasque de Souza (2021):

- (1) Entrevistador: E... E o que que eles fazem, assim, que que o teu pai faz? Que que teu marido faz? Pessoal que mora contigo, assim, prime(i)ro lugar. Que que eles fazem? Estudam? Trabalham?

Informante: É, eu, por exemplo, no momento, eu tô só estudando. ã o meu pai tá aposentado. Então o pai... (suspiro) Ele fica assim, ele faz o s/ o lazer, assim, na verdade, assim.

Entrevistador: O que que o teu pai fazia?

Informante: **O pai, ele trabalhava no: Demae, no sistema de águas.** Ele era técnico de desenhos no no Demae. ã **o meu marido, ele é motoboy.** Então o meu marido trabalha praticamente vinte e quatro horas do dia, assim. Ele sai de manhã cedo e volta de noite porque ele tem, ele trabalha em dois serviços. Então ele trabalha no período da m/ do dia em um e no período da noite ele trabalha em outro, então...

- (2) Entrevistador: E: quais são as linhas que tu costuma utiliza(r) em Porto Alegre? Tu usa bastante o transporte público?

Informante: ã na verdade eu pego ônibus assim mais pra... pra i(r) e volta(r) da faculdade mesmo... ã não costumo assim anda(r) muito. **As minhas amigas elas moram meio que por aqui, pelo Bom Fim,** então às vezes eu pego Uber, às vezes eu vo(u) a pé. Eu não costumo pega(r) muito ônibus na verdade.

No trecho em (1), houve pausa prosódica nas duas ocorrências destacadas, e os referentes estão super ativados no discurso (informação velha, já mencionada previamente no discurso), explicitados na pergunta do entrevistador. Vale notar que, na primeira fala do informante, há uma ocorrência de redobro de pronome com elementos intervenientes e uma de duplicação, até muito similar às que foram analisadas por Gasque de Souza (2021), mas com uma marcação de reticências na transcrição e um suspiro muito saliente no áudio. Nenhuma dessas ocorrências foi considerada nas análises de Gasque de Souza (2021). Já no trecho em (2), há uma ocorrência de sujeito duplicado sem pausa prosódica entre o sintagma nominal e o pronome-cópia, e o referente é totalmente novo na entrevista (informação nova).

Motivados pelas descobertas de Gasque de Souza (2021, 2023), nos interessamos por descobrir a aceitabilidade dessas construções por alunos da educação básica. Em observação prévia, foi constatado pela professora regente da disciplina de Língua Portuguesa que os alunos falam e inclusive escrevem frases com duplicação de sujeito, ou seja, sem pausa na fala e sem a vírgula entre SN e pronome na escrita.

Antes disso, Orsini e Mourão (2015) já haviam reportado encontrar sentenças de “deslocamento à esquerda de sujeito” (com vírgula, presumimos) em redações de vestibular — um tipo de texto altamente monitorado e produzido por pessoas com escolaridade mínima de ensino médio. Porém, neste momento, ao invés de avaliar a produtividade da construção, nos interessamos por descobrir a aceitabilidade das duas construções, com e sem pausa, em quatro contextos distintos: (i) referente com informação velha; (ii) referente com informação ativada ou ancorada; (iii) referente com informação nova; (iv) contexto de tudo novo (*out of the blue context*), do tipo “O que aconteceu?” (com indefinido).

### 3 Teste de aceitabilidade

A fim de compreender como as sentenças com SN seguido de pronome correferente em posição de sujeito, com e sem marcação prosódica, são mais aceitas, primeiramente foram criadas frases para os quatro contextos mencionados acima. A seguir, as frases que foram elaboradas para os testes:

Quadro 1 — Contextos investigados

| I. Contexto de referente com informação velha                                                                                               |                                                                                                                                                           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O meu pai me deu uma bicicleta em comemoração ao meu aniversário. <b>O meu pai</b> [PAUSA] <b>ele</b> não quer que eu ande sozinha à noite. | A minha mãe me mandou uma mensagem para saber onde eu estava. <b>A minha mãe</b> <b>ela</b> não gosta que eu chegue tarde em casa.                        |
| II. Contexto de referente com informação ativada/ancorada                                                                                   |                                                                                                                                                           |
| Hoje me perguntaram o que a minha família faz. Então... <b>Meu marido</b> [PAUSA] <b>ele</b> é aposentado.                                  | Todos querem saber o que a minha família faz. Bom... <b>Meu pai</b> <b>ele</b> é motorista.                                                               |
| III. Contexto de referente com informação nova                                                                                              |                                                                                                                                                           |
| Eu quero ir caminhar hoje. <b>Minha amiga</b> [PAUSA] <b>ela</b> quer ir para o Complexo.                                                   | Eu quero ir viajar nas férias. <b>Meu namorado</b> <b>ele</b> quer ir para o litoral de Santa Catarina.                                                   |
| IV. Contexto de tudo novo “O que aconteceu?” (indefinido)                                                                                   |                                                                                                                                                           |
| O Pedro viu uma ambulância quando estava saindo de casa. Seu vizinho disse: “ <b>Uma mulher</b> [PAUSA] <b>ela</b> foi atropelada”.         | A Maria viu um acidente quando estava saindo da escola. Perguntou à sua amiga o que aconteceu e ela disse: “ <b>Um menino</b> <b>ele</b> foi atropelado”. |

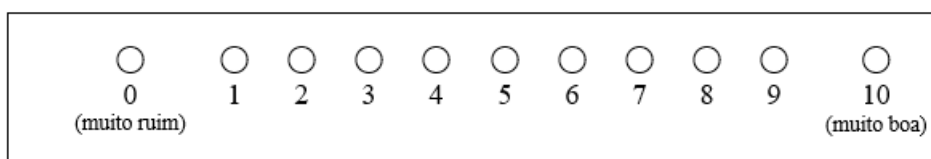
Fonte: elaboração própria.

Como foram elaborados quatro contextos e duas variações para cada, totalizando oito frases-alvo, foi necessário elaborar dezesseis distratoras. Oito distratoras apresentavam algumas questões de coerência, concordância e alternância da ordem sujeito-verbo-objeto para evitar que os alunos identificassem as frases que estavam sendo monitoradas; as outras oito não apresentavam nenhum problema. Após elaboradas, todas as frases foram gravadas por uma falante de português brasileiro.

O teste de frases foi aplicado pela professora regente entre os dias 23 e 25 de setembro de 2024 com alunos dos anos finais do ensino fundamental, 8º e 9º ano, de duas escolas públicas situadas no sul do Rio Grande do Sul. A aplicação do teste durou em média 10 minutos em cada turma. Participaram do teste 47 alunos-informantes, com idades entre 13 e 16 anos.

A tarefa dos alunos era ouvir a frase e avaliar em uma escala que ia de 0 (que significa que a frase é muito ruim) a 10 (que significa que a frase é muito boa). Foi permitido repetir a frase uma vez, caso os alunos julgassem necessário. As frases mais repetidas foram, em geral, aquelas distratoras que possuíam alguma questão de coerência semântica (p. ex., *A Manuela quer comer uma pizza, a Graciele prefere um xis e o Pedro disse que quer parede*). A cada frase, os alunos tinham um tempo para fazer a marcação em um quadro específico, conforme o exemplo abaixo, antes de ouvir a frase seguinte.

**Figura 1 — Notas de julgamento das frases**

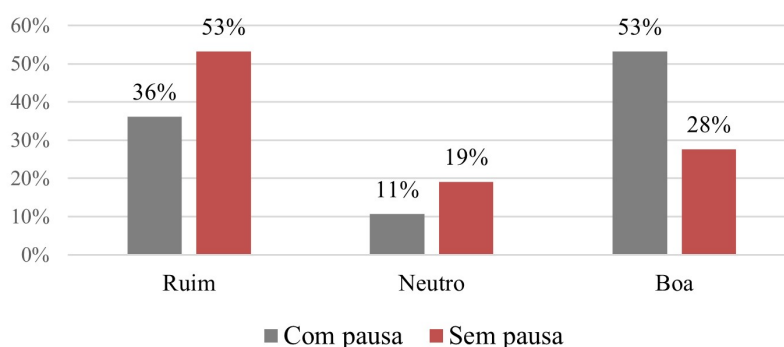


Fonte: elaboração própria.

## 4 Resultados

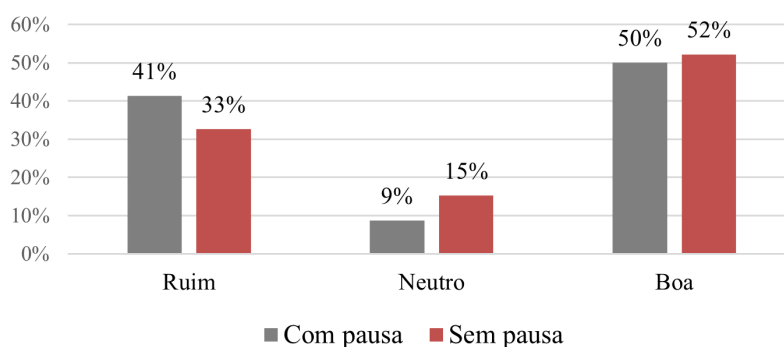
Os resultados do julgamento dos alunos-informantes serão expostos na continuidade. Como os alunos tinham onze opções disponíveis para marcar (de 0 a 10), consideramos a opção 5 como referencial de neutralidade. Qualquer valor inferior a 5 foi contabilizado como “Ruim” e os valores superiores, como “Boa”.

O esperado, conforme as análises de Gasque de Souza (2021), era que os contextos de referente com informação velha e com informação ativada sejam mais aceitos com as sentenças com pausa (deslocamento à esquerda de sujeito), enquanto os contextos de referente com informação nova ou do tipo “O que aconteceu?” — contexto *out of the blue* — sejam mais aceitos com as sentenças sem pausa (duplicação de sujeito).

**Gráfico 1 — Contexto de referente com informação velha**

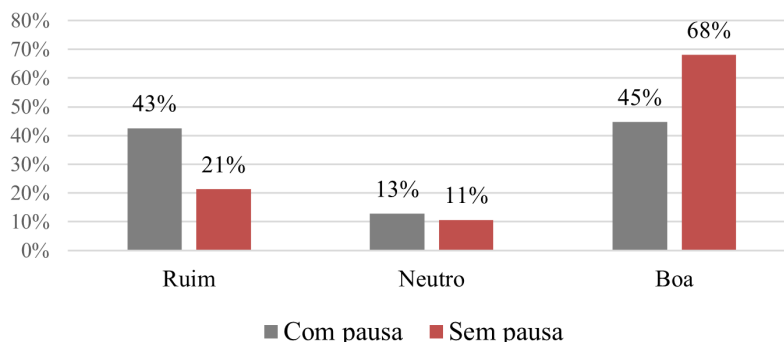
Fonte: elaboração própria.

De acordo com o Gráfico 1, observamos que o referente com informação velha é 53% aceito em sentenças com deslocamento à esquerda, conforme o esperado para construções do tipo tópico-comentário. Coincidentemente tem o mesmo percentual de 53% como não aceito em sentenças com duplicação de sujeito. Este contexto foi o que teve maior expressão de neutralidade nas frases sem pausa, dos 47 informantes 9 (o que representa 19%) marcaram a opção 5 — nem muito ruim, nem muito boa.

**Gráfico 2 — Contexto de referente com informação ativada/ancorada**

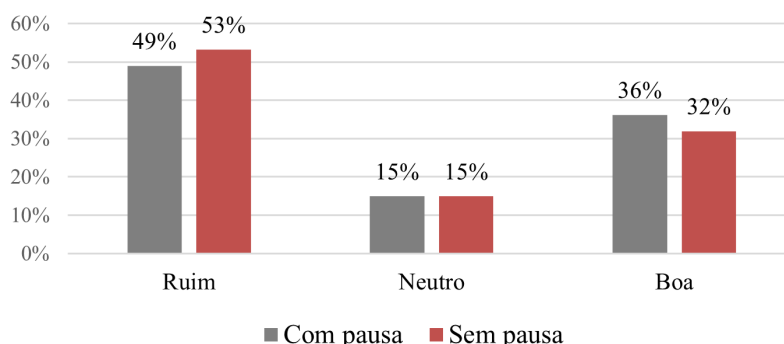
Fonte: elaboração própria.

No contexto de referente com informação ativada, Gráfico 2, os alunos julgaram como sendo boas, mais aceitáveis, as duas sentenças. A sentença com duplicação de sujeito teve um percentual de 2% a mais do que as sentenças com deslocamento. Cabe destaque para um percentual de neutralidade mais elevado naquelas sentenças (15% representa 7 informantes) do que nestas (9% representa 4 informantes). Com isso, sentenças com deslocamento foram inclinadas a avaliações piores (41%) do que as sentenças com duplicação de sujeito em contextos de referente com informação ativada.

**Gráfico 3 — Contexto de referente com informação nova**

Fonte: elaboração própria.

Agora, como esperado, quando o referente veicula uma informação nova, os índices atingem 68% (os maiores percentuais dos testes, representando 32 informantes) de aceitabilidade para as sentenças com duplicação de sujeito. Por outro lado, em sentenças com referentes deslocados à esquerda 45% foram julgadas como boas e 43%, como ruins. O índice de neutralidade foi similar nos dois tipos.

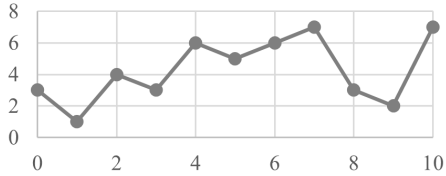
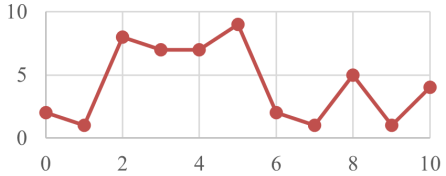
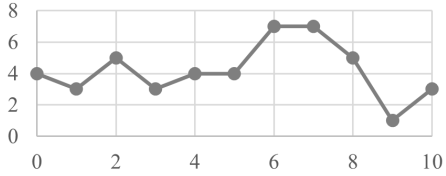
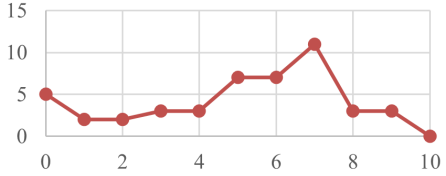
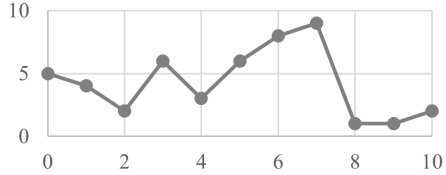
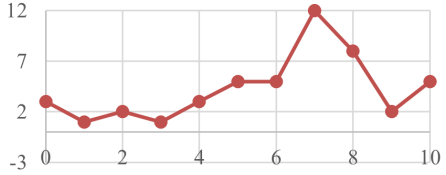
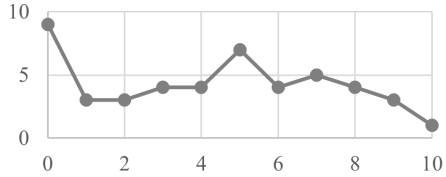
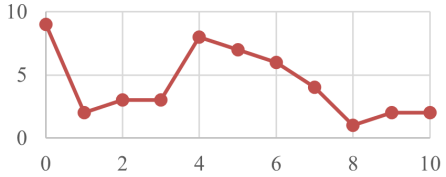
**Gráfico 4 — Contexto de tudo novo “O que aconteceu?” (indefinido)**

Fonte: elaboração própria.

Por fim, o último contexto analisado foi de referente indefinido em um contexto em que tudo é novo, do tipo em resposta à pergunta “O que aconteceu?”, conhecido como contexto *out of the blue*. Os maiores percentuais foram de rejeição, tanto de sentenças com deslocamento, quanto com duplicação. O percentual foi ainda mais elevado para as sentenças com duplicação (53%) do que as sentenças com deslocamento (49%). Casualmente, os índices de neutralidade foram idênticos, enquanto a análise mais inclinada à “Boa” foi maior nas sentenças com deslocamento (36%).

A seguir, apresentamos os gráficos com a frequência de todas as notas em cada contexto. Na linha horizontal é a avaliação que estava disponível para os alunos (de 0 a 10) e na linha vertical a frequência de cada nota. Aproveitamos para relembrar os contextos e as frases.

Quadro 2 — Contextos investigados e respectivas notas

| I. Contexto de referente com informação velha                                                                                                      |                                                                                                                                                                 |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>O meu pai me deu uma bicicleta em comemoração ao meu aniversário. <b>O meu pai</b> [PAUSA] <b>ele</b> não quer que eu ande sozinha à noite.</p> | <p>A minha mãe me mandou uma mensagem para saber onde eu estava. <b>A minha mãe</b> <b>ela</b> não gosta que eu chegue tarde em casa.</p>                       |
|                                                                   |                                                                               |
| II. Contexto de referente com informação ativada/ancorada                                                                                          |                                                                                                                                                                 |
| <p>Hoje me perguntaram o que a minha família faz. Então... <b>Meu marido</b> [PAUSA] <b>ele</b> é aposentado.</p>                                  | <p>Todos querem saber o que a minha família faz. Bom... <b>Meu pai</b> <b>ele</b> é motorista.</p>                                                              |
|                                                                  |                                                                              |
| III. Contexto de referente com informação nova                                                                                                     |                                                                                                                                                                 |
| <p>Eu quero ir caminhar hoje. <b>Minha amiga</b> [PAUSA] <b>ela</b> quer ir para o Complexo.</p>                                                   | <p>Eu quero ir viajar nas férias. <b>Meu namorado</b> <b>ele</b> quer ir para o litoral de Santa Catarina.</p>                                                  |
|                                                                 |                                                                             |
| IV. Contexto de tudo novo “O que aconteceu?” (indefinido)                                                                                          |                                                                                                                                                                 |
| <p>O Pedro viu uma ambulância quando estava saindo de casa. Seu vizinho disse: “<b>Uma mulher</b> [PAUSA] <b>ela</b> foi atropelada”.</p>          | <p>A Maria viu um acidente quando estava saindo da escola. Perguntou à sua amiga o que aconteceu e ela disse: “<b>Um menino</b> <b>ele</b> foi atropelado”.</p> |
|                                                                 |                                                                             |

Fonte: elaboração própria.

## 5 Considerações finais

O teste de frases elaborado proporcionou a avaliação quanto à aceitabilidade dos dois tipos de sentença, deslocamento à esquerda de sujeito (com pausa entre SN e pronome) e duplicação/redobro de sujeito (sem pausa entre o SN e o pronome), em quatro contextos de referencialidade: com informação velha, com informação ativada/ancorada, com informação nova e em contexto de tudo novo, do tipo “O que aconteceu?” (com SN indefinido). Conforme os resultados, a aceitabilidade das sentenças varia a depender dos contextos.

O referente com informação velha (Gráfico 1) é muito mais aceitável em sentenças com deslocamento à esquerda (com pausa). Quando o referente veicula uma informação ativada (Gráfico 2), ambas sentenças são aceitas, tendo a duplicação de sujeito (sem pausa) 2% a mais do que as sentenças com deslocamento. Nos contextos em que o referente veicula informação nova (Gráfico 3), a aceitabilidade foi muito favorável para as sentenças com duplicação de sujeito, atingindo inclusive os maiores percentuais dos testes.

Para finalizar, no contexto com SN indefinido, o qual consideramos como “tudo novo” (Gráfico 4), os índices foram maiores de rejeição do que de aceitação nas duas estruturas, sendo a duplicação (53%) ainda mais rejeitada do que o deslocamento (49%) nesse contexto. Se considerarmos os percentuais de aceitabilidade, a estrutura com deslocamento (36%) foi mais aceita do que a com duplicação (32%). O esperado seria que acontecesse o inverso, maior índice de aceitabilidade com sentenças com duplicação de sujeito do que com deslocamento à esquerda de sujeito. Ao observar a estruturação dos testes, possivelmente a inclinação para “Muito boa” da sentença com deslocamento pode ser devida ao fato dela ter sido apresentada após a sentença com duplicação. Isto é, a primeira vez que o aluno-informante ouviu a sentença nesse contexto avaliou como mais propensa a “Ruim”, mas ao ouvir o mesmo contexto já não estranhou tanto como da primeira vez.

No momento os objetivos foram atingidos de forma satisfatória. As sentenças de deslocamento à esquerda foram mais aceitas em contextos de referente com informação velha e com informação previamente ativada. Já as sentenças com duplicação de sujeito foram mais aceitas em contextos de referente com informação ativada e de referente com informação nova. As frases em contexto *out of the blue*, embora apresentem um pouco mais de aceitabilidade na sentença com deslocamento (36% vs. 32% com duplicação), apresentaram significativa rejeição para ambos os tipos de construção. Futuras investigações precisarão refinar os testes e abranger um maior público-alvo a fim de averiguar se o resultado deste teste incipiente se confirma na língua falada dos alunos.

## Referências

BRITTO, Helena de Souza. *Deslocamento à Esquerda, Resumptivo-Sujeito, Ordem SV e a Codificação Sintática de Juízos Categórico e Tético no Português do Brasil*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 1998.

CALLOU, Dinah *et al.* Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia. In: CASTILHO, Ataliba (org.). *Gramática do Português falado: as abordagens*. v. 3. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002[1993]. p. 315-59.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. v. 3. São Paulo: Queroz/Fapesp, 1986.

COSTA, João; DUARTE, Inês; SILVA, Cláudia. Construções de redobro em português brasileiro: sujeitos tópicos *vs.* soletração do traço de pessoa. *Leitura: Estudos em sintaxe comparativa*, n. 33, p. 135-14, 2004.

DUARTE, Maria Eugenia. *A perda do princípio “Evite pronome” no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 1995.

GASQUE DE SOUZA, Karoline. *A duplicação de sujeito no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

GASQUE DE SOUZA, Karoline. A duplicação de sujeito via pronome no português brasileiro. *Domínios de Linguagem*, v. 17, p. e1715, 2023.

KRIECK, Letícia Emília. *As sentenças com duplicação do sujeito no português brasileiro: uma análise cartográfica*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

MORAES, João Antônio de; ORSINI, Mônica Tavares. Análise prosódica das construções de tópico no português do Brasil: estudo preliminar. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 4, p. 261-272, 2003.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

QUAREZEMIN, Sandra. *A cartografia das posições de sujeito nas sentenças com redobro em português brasileiro*. Comunicação apresentada no Encontro Nacional do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática da ANPOLL, 2018.

QUAREZEMIN, Sandra. Um novo olhar sobre as sentenças com redobro em português brasileiro. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 48, p. 52-63, 2019.

REZENDE DOS REIS, Eduardo Patrick. *O redobro do sujeito no Português Brasileiro e no Português Europeu: Empirismo e Formalismo*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

**AUTORIA****Karoline Gasque de Souza (UFRGS)**

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

<https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt/>**DADOS DA PUBLICAÇÃO**Seção: *Squibs*

Recebido em: 13/1/2025

Aceito em: 13/3/2025

Publicado em: 25/6/2025

**COMO CITAR**GASQUE DE SOUZA, Karoline. A aceitabilidade de sentenças com duplicação *vs* deslocamento à esquerda de sujeito.**Caderno de *Squibs*:** Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 1, p. 55-65, 2024.**SOBRE A REVISTA**Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*